

# CLIVE CUSSLER

## Pacífico

*Tradução de Luís Miguel Coutinho*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

CLIVE CUSSLER cresceu em Alhambra, Califórnia. Durante dois anos estudou no Pasadena City College e depois alistou-se na força aérea durante a Guerra da Coreia, onde cumpriu serviço como mecânico, engenheiro e técnico de voo. No regresso tornou-se director criativo em duas agências de publicidade multinacionais, onde ganhou vários prémios, um deles atribuído pelo prestigiado Cannes Film Festival.

Cussler escreve desde 1965 e entre o seu trabalho encontramos 2 livros de não ficção que lhe valeram um Doctor of Letters Degree em Maio de 1997. Tal graduação não era atribuída desde 1874.

Cussler é o fundador da NUMA (National Underwater & Marine Agency) uma organização não-lucrativa que se dedica à investigação da história marítima e naval. Cussler e os seus peritos da NUMA descobriram mais de 60 navios afundados, oferecendo o fruto do seu trabalho a universidades e governos um pouco por todo o mundo. Foi honrado com vários prémios de clubes de exploradores americanos e até ingleses pelo seu trabalho de exploração sub-aquática.

Hoje divide o seu tempo entre as montanhas do Colorado e os desertos do Arizona.

Visite a nossa página para mais informação sobre este autor invulgar. Saiba os seus *hobbies* e o que descobriu.

JÁ PUBLICADOS:

SERPENTE

OURO AZUL

GELO ARDENTE

CIDADE PERDIDA

MUTAÇÃO POLAR

MORTE BRANCA

MEDITERRÂNEO

## Prefácio

NÃO É QUE SEJA REALMENTE IMPORTANTE, MAS ESTA É A PRIMEIRA HISTÓRIA da série de aventuras de Dirk Pitt,

Quando consegui reunir a disciplina necessária para escrever uma série de histórias de aventura/suspense, procurei construir um protagonista original; uma personagem que não fosse um agente secreto, um inspetor da polícia ou um detective privado. Tentei que fosse uma personagem algo indefinida, porém com algum estilo; alguém capaz de se sentir tão à vontade com uma senhora num restaurante de categoria, como num bar, a beber uma cerveja com a rapaziada. Tinha de ser um tipo agradável, com uma ponta de mistério.

Em vez de um qualquer casino ou das ruas de Nova Iorque, o seu território acabou por ser o mar e o seu desafio o desconhecido.

Portanto, desta fantasia surgiu Dirk Pitt.

Uma vez que se trata da sua primeira aventura, e que esta não evidencia as tramas intrincadas das suas aventuras posteriores, senti alguma relutância em enviar o manuscrito para publicação. Contudo, por insistência da minha família e de amigos, acabei por me decidir a apresentar-vos Dirk Pitt.

Que esta obra seja vista como o motivo de algumas horas de entretenimento e, quiçá, como uma espécie de artefacto histórico.

*Clive Cussler*



## Prólogo

TODOS OS OCEANOS RECLAMAM A SUA QUOTA-PARTE DE HOMENS E NAVIOS, no entanto nenhum os devora tão avidamente como o Pacífico. O apetite voraz desta gigantesca extensão de água é bem conhecido, tragando navios e tripulações das formas mais invulgares e inesperadas. Foi nestas águas que teve lugar o motim na *Bounty*, tendo os amotinados incendiado o navio na ilha de Pitcairn. Também é sob as ondas do Pacífico que jaz o *Essex*, tanto quanto se sabe, o único navio que alguma vez foi afundado por uma baleia, acontecimento que serviu de base à história de *Moby Dick*, de Melville. Este oceano é também o túmulo do *Hai Maru*, que um vulcão submarino fez explodir ao entrar em erupção sob o seu casco. Apesar de tudo isto, o maior oceano do mundo é uma massa de água tranquila e de comportamento regular. O próprio nome — Pacífico — significa «tranquilo; de temperamento moderado». Contudo, é exactamente por este motivo que devemos desconfiar dele. É que tudo o que é tranquilo e malicioso é justamente aquilo que mata de repente, com uma imprevisibilidade mortífera.

A possibilidade sinistra de uma catástrofe não podia estar mais afastada do espírito do capitão-de-fragata Felix Dupree quando subiu à torre do submarino *Starbuck*, naquele final de tarde. Cumprimentou o oficial de serviço com um aceno de cabeça; inclinou-se sobre a amurada, inspirando o ar do fim de tarde e desfrutando da brisa salgada; e admirou, com uma satisfação profissional, a facilidade com que a proa

arredondada do navio sob o seu comando desbaratava as ondas que contra ela marchavam continuamente.

A maior parte dos homens respeitava e receava o mar, mas Dupree não era como a maioria. Sentia-se, perante o mar, como um ateu em relação à religião: aceitava a fúria das tempestades e a serenidade das calmarias, mas nunca deixava que o espanto lhe toldasse a mente. Havia vinte anos que andava no mar, catorze dos quais passados em submarinos, e estava verdadeiramente faminto de reconhecimento. Dupree era agora o capitão do submarino mais moderno e revolucionário do mundo, mas isso não lhe bastava. Ansiava por chegar mais longe.

O *Starbuck* tinha acabado de sair da linha de produção do estaleiro de São Francisco e, da quilha para cima, fora construído como nenhum dos seus congéneres anteriores: cada componente, cada sistema do casco de pressão fora concebido por computadores. Era o primeiro de uma nova geração de submarinos, o início de uma cidade submersa capaz de navegar a uma velocidade de cento e vinte e cinco nós <sup>1</sup> pelas profundezas intemporais, dois mil pés abaixo da superfície banhada pelo sol. O *Starbuck* era como um puro-sangue de obstáculos na sua primeira competição equestre, nervoso e pronto a demonstrar os seus dotes. Mas, neste caso, não haveria espectadores, pois o Departamento de Guerra Submarina do Estado-Maior da Armada ordenara que os testes decorressem numa área remota do Pacífico, envoltos no maior secretismo e sem navio de escolta.

Dada a sua reputação de oficial minucioso e atento aos detalhes, Dupree acabou por ser escolhido para comandar o *Starbuck*. Os seus colegas de curso, em Annapolis, chamavam-lhe «o velho banco de dados»: «Introduzam-lhe os factos no sistema, depois afastem-se e observem-no, enquanto a sua boca cospe as respostas lógicas». O talento de Dupree era bem conhecido entre as tripulações dos submarinos, mas no que se referia às promoções na marinha, a competência era uma coisa secundária. Os «ingredientes» necessários para se chegar à patente de almirante eram a personalidade, a influência e o faro para as relações públicas e Dupree não possuía nenhum destes traços. Na verdade, pouco tempo antes tinha sido preterido numa promoção.

Souo uma sirene e o oficial de serviço — um tenente de elevada estatura e cabelo negro — pegou no intercomunicador da torre. Apesar de o dono da voz do outro lado da linha não o poder ver, acenou duas vezes com a cabeça e desligou.

---

<sup>1</sup> Um nó equivale a uma milha náutica, i.e., 1852 m. Este submarino teria, portanto, a capacidade de navegar a cerca de 230 km/h. *In* Diciopédia 2008, Porto Editora. (N. T.).

— Era da sala de comando — informou, em poucas palavras. — O sonar regista uma elevação do fundo do mar em mil e quinhentos pés nas últimas cinco milhas.

— É possível que seja uma pequena cadeia de montanhas submarinas — disse Dupree, pensativo, voltando-se lentamente. — Teremos uma milha de água debaixo da quilha — calculou, acrescentando, com um esgar: — Não precisamos de nos preocupar com um possível encalhe!

— Não há nada como mantermos alguns pés de segurança — retorquiu o tenente, devolvendo o esgar.

Um sorriso aprofundou as rugas em torno dos olhos de Dupree, enquanto este tornava a voltar-se lentamente para o mar. Ergueu um par de binóculos que tinha pendurado ao pescoço e perscrutou o horizonte. Era um gesto rotineiro, resultante dos milhares de horas varrendo os oceanos do mundo em busca de outros navios com quem partilhar o isolamento total. Mas também era um gesto inútil, porque os sistemas de radar a bordo do *Starbuck* conseguiam detectar qualquer objecto muito antes dos olhos nus de qualquer vigia. Dupree sabia-o, mas havia algo na observação do mar que purificava a alma de um homem.

Por fim, suspirou e baixou os binóculos.

— Vou descer para jantar. Prepare a torre para mergulharmos a 2100 pés.

Dupree desceu com agilidade os três níveis da torre de comando — ou vela, como lhe chama a marinha moderna — e entrou na sala de comando. O oficial superior e o navegador encontravam-se debruçados sobre a mesa de registo de rumo, estudando uma linha de marcas de profundidade. O oficial superior olhou para Dupree.

— Sr. Comandante, parece que temos aqui alguns dados estranhos.

— Nada melhor para terminar o dia do que um bom mistério! — exclamou Dupree, bem-humorado.

Meteu-se entre os dois homens e olhou para o bem impresso roteiro marítimo, iluminado por uma luz suave proveniente da parte de baixo do tampo de vidro fosco. O roteiro era atravessado por uma série de linhas escuras curtas que se entrecruzavam e sobre as quais se viam anotações e fórmulas matemáticas escritas de forma descuidada.

— O que é que temos aqui? — perguntou Dupree.

— O fundo do mar está a erguer-se a uma velocidade espantosa — começou o navegador, pausadamente. — Se não começar a descer nas próximas vinte e cinco milhas, ainda damos com a proa em alguma ilha — ou ilhas — que não deveriam existir.

— Qual é a nossa posição?

— Estamos aqui, Sr. Comandante — respondeu o navegador, batendo com o lápis num ponto do roteiro —, seiscentas e setenta milhas a norte da ponta de Kahuku, na ilha de Oahu, a zero-zero-sete graus.

Dupree virou-se para um painel de comando e ligou um microfone.

— Radar, fala o comandante. Detectaram alguma coisa?

— Não, Sr. Comandante — respondeu mecanicamente a voz saída do altifalante. — O espectro está limpo... um momento... correcção, Sr. Comandante. Tenho uma leitura indefinida no horizonte, vinte e três milhas adiante.

— Um objecto?

— Não, Sr. Comandante. Parece mais uma nuvem ou, talvez, uma coluna de fumo. Não consigo distinguir bem.

— Ok, entre em contacto assim que conseguir identificar a ocorrência.

Dupree desligou o microfone e tornou a voltar-se para os homens em torno da mesa de registo de rumo.

— Bem, meus senhores, o que pensam disto?

— Onde há fumo, há fogo... — comentou o oficial superior — e onde há fogo, necessariamente alguma coisa está a arder. Talvez um derrame de petróleo?

— Um derrame de petróleo vindo de onde?! — atirou Dupree, impaciente. — Estamos longe da rota marítima do norte. O tráfego entre São Francisco e o Oriente, via Honolulu, passa quatrocentas milhas a sul da nossa posição. O local onde nos encontramos é um dos pontos mais mortos deste oceano, motivo pelo qual a marinha o escolheu para os testes iniciais do *Starbuck*. Portanto, ninguém nos observa — disse, abanando a cabeça. — Um derrame de petróleo não se enquadra nesta situação. A hipótese mais plausível é tratar-se de um vulcão erguendo-se do fundo do Pacífico. Mas não passa disso mesmo: uma hipótese.

O navegador identificou a posição indicada pelo radar e desenhou um círculo no roteiro marítimo.

— Uma nuvem baixa à superfície, ou rente... — pensou, em voz alta — mas é pouco provável. As condições atmosféricas não se coadunam com tal ocorrência.

O intercomunicador tornou a transmitir.

— Sr. Comandante, aqui radar.

— Fala o comandante — respondeu Dupree.

— Identifiquei a situação, Sr. Comandante — disse a voz, que pareceu hesitar antes de prosseguir. — A leitura do radar indica que se trata de neblina... um banco de nevoeiro denso, com cerca de três milhas de diâmetro.

— Tem a certeza?

— Seria capaz de apostar a minha patente!

Dupree accionou um interruptor no microfone e comunicou com a torre.

— Nosso tenente, temos uma situação identificada pelo radar adiante. Informe-me assim que avistar alguma coisa.

Desligou o microfone e dirigiu-se ao oficial superior:

— Qual é a profundidade actual?

— Continua a subir rapidamente. Dois mil e oitocentos pés e continua a subir.

O navegador retirou um lenço do bolso das calças e passou-o pelo pescoço.

— Não estou a perceber nada disto. A única subida do fundo do mar de que já ouvi falar e que se aproxima desta é a que ocorre na Fossa Peru — Chile. Começa a uma profundidade de vinte e cinco mil pés e sobe a uma cadência de uma milha vertical por cada milha horizontal. Até agora, era considerada a encosta submarina mais espectacular.

— Pois... — resmungou o oficial superior. — Os geólogos marinhos é que vão fazer uma festa com esta «pequena» descoberta!

— Talvez tenhamos descoberto o continente perdido de Um.

— Esqueça! Era só o que faltava aos Estados Unidos: mais um continente para aonde enviar ajudas financeiras!

— Mil oitocentos e cinquenta pés — anunciou, em tom monocórdico, a voz mecânica do sonar.

— Valha-nos Deus! — arquejou o navegador. — Uma subida de mil pés em menos de meia milha! É absolutamente impossível!

Dupree deslocou-se para o lado de bombordo da sala de comando e quase colou o nariz ao vidro do mostrador do sonar. O mostrador digital mostrava o fundo do mar sob a forma de uma linha negra zig-zagueante que subia abruptamente em direcção à marca vermelha, indicadora de perigo, existente no topo da escala. Dupree pousou a mão sobre o ombro do operador do sonar.

— Há alguma possibilidade de ter havido um erro na calibragem?

O operador do sonar accionou um interruptor e olhou para um ecrã ao lado.

— Não, Sr. Comandante. O sistema de apoio independente mostra-me as mesmas informações.

Dupree observou, por momentos, a linha da profundidade, enquanto esta continuava a subir. Depois, voltou à mesa de registo de rumo e analisou as marcas a lápis que assinalavam a posição do seu navio em relação ao fundo do mar, que ia subindo.

— Aqui torre — disse uma voz, que parecia de um autómato. — Temos uma imagem mais precisa — informou a voz, hesitando. — Se eu não soubesse que isto não pode ser, diria que a ocorrência é uma versão reduzida de um dos nossos velhos conhecidos bancos de nevoeiro da Nova Inglaterra.

— Compreendido — respondeu Dupree, carregando no botão do microfone.

Continuou a fitar o roteiro, com uma expressão impenetrável e um olhar pensativo.

— Enviamos um sinal a Pearl Harbor, Sr. Comandante? — perguntou o navegador. — Eles podiam enviar um avião de reconhecimento, para investigar.

Dupree não respondeu logo. Com uma mão, tamborilava, absorto, na borda da mesa, enquanto a outra se mantinha inerte, ao lado do corpo. Raramente tomava decisões repentinas, se é que alguma vez o fazia. Todas as suas acções seguiam as regras.

Muitos dos membros da tripulação do *Starbuck* já tinham servido a pátria sob o comando de Dupree em missões anteriores, e apesar de não lhe dedicarem uma devoção cega, respeitavam-no e admiravam a sua competência e o seu bom senso. Todos confiavam nele, cientes de que aquele comandante jamais cometeria um erro crasso, que colocasse em risco as vidas de todos. Em outras circunstâncias, talvez tivessem razão, e Dupree seria o primeiro a admiti-lo, mas, desta vez, viriam a constatar estarem terrivelmente enganados.

— Vamos lá ver o que é aquilo — disse Dupree, discretamente.

O oficial superior e o navegador trocaram olhares especulativos. As ordens que tinham eram no sentido de testar o *Starbuck*, não de irem atrás dos bancos de nevoeiro fantasmas que lhes surgissem no horizonte. Não obstante as suas hesitações pessoais, encolheram os ombros e deram as ordens necessárias.

Ninguém viria a saber por que motivo é que, de repente, o comandante Dupree se desviou da sua conduta normal e desrespeitou as ordens que recebera. Talvez a atracção pelo desconhecido tenha sido demasiado forte ou o comandante se tenha imaginado, por momentos, um descobridor, navegando em direcção à glória que sempre lhe fora negada. Independentemente de qual possa ter sido o motivo, perdeu-se com o *Starbuck* como um cão de caça solto com o odor de um rastro recente entrando-lhe pelas narinas, mudando de curso e cruzando o mar, cujo nível das águas ia subindo.

O *Starbuck* deveria ter ancorado em Pearl Harbor na segunda-feira da semana seguinte. Quando se constatou que o navio não apare-

cera, foram enviados vários sinais de rádio, sem qualquer resposta, e foi lançada uma operação de busca exaustiva com meios aéreos e marítimos, durante a qual não se avistou qualquer sinal de derrame de combustível ou de destroços, o que obrigou a marinha a admitir a perda do seu mais moderno submarino e de cento e sessenta homens. A nação, aturdida, foi então informada da perda do *Starbuck*, algures na vastidão solitária do Pacífico Norte. O submarino desapareceu envolto numa bruma de mistério e silêncio, com toda a tripulação, desconhecendo-se a hora da catástrofe, o lugar e a causa.



# 1.

ENTRE AS PRAIAS REPLETAS DE GENTE DO ESTADO DO HAVAI, AINDA É POSSÍVEL encontrar uma extensão de areia que possibilita um certo recato. A Ponta de Kaena, que entra pelo canal de Kauai como um murro desferido pela mão esquerda de um pugilista, é um dos poucos locais que não vêm nos roteiros turísticos e onde é possível relaxar e desfrutar de uma praia espectacular e vazia. Mas esta é uma ilusão enganadora, pois as suas praias são fustigadas, com demasiada frequência, por correntes rápidas, extremamente perigosas para todos os banhistas, excepto os nadadores mais prudentes. Todos os anos, como que obedecendo a uma escala macabra, um banhista, atraído pela solidão do areal e pela ondulação suave, entra na água e, minutos depois, é arrastado para o mar. Os seus gritos por socorro são ouvidos apenas por algum albatroz impassível.

Naquele dia específico, um homem bastante bronzeado, com cerca de um metro e noventa de altura e envergando uns calções de banho brancos e curtos, encontrava-se deitado sobre uma esteira de praia feita de bambu. O peito volumoso e peludo, que se distendia ligeiramente a cada inspiração, apresentava gotas de suor que escorriam pelas costelas, deixando rastros como que de caracóis, e se misturavam com a absorvente areia espalhada pelas bordas da esteira. O braço que cobria os olhos, protegendo-os dos fortes raios do sol tropical, era bem musculado. O cabelo era preto, farto e hirsuto e chegava até ao meio de uma testa que desembocava numa cara de feições endurecidas mas

amistosas, capaz de sorrir com todas as rugas e músculos faciais quando o respectivo dono estava para aí virado, o que acontecia amiúde.

Dirk Pitt tinha passado pelas brasas e apoiava-se agora nos cotovelos, fitando o mar opalino com os seus olhos brilhantes e de um verde profundo. Para o apreciador de sol ocasional, a praia era apenas um recreio natural, um lugar onde podia nadar, bronzear-se e observar as formas quase nuas das outras pessoas. Contudo, para Pitt a praia era uma coisa viva, em movimento, sempre a mudar de forma e de personalidade sob as arremetidas constantes do vento e da ondulação. Estudava os movimentos das ondas ao aproximarem-se da praia, vindas dos pontos tempestuosos onde nasciam, milhares de milhas mar adentro, crescendo e aumentando de velocidade quando as suas depressões sentiam o fundo próximo. Ao passarem de ondas largas a vagas quase na rebentação, iam-se tornando cada vez mais altas — dois metros e meio da base à crista, na estimativa de Pitt —, acabando por se abaterem junto à praia, transformando-se numa massa troante de espuma e borrifos. Depois, terminada a sua longa viagem, morriam sob a forma de redemoinhos de ondas pequenas, na orla marítima, lambendo a areia.

De repente, um reflexo colorido a cerca de trezentos pés da praia, para lá das ondas crescentes, prendeu a atenção de Pitt. Perdeu-se momentaneamente, atrás da crista de uma onda. O homem fitou de modo intencional o ponto onde, instantes antes, vira o reflexo e, passada a onda seguinte, tornou a avistar aquele brilho, sob a luz do sol. A forma era indistinta àquela distância, mas o reflexo amarelo fluorescente resplandecia.

A opção mais inteligente, deduziu Pitt, era limitar-se a permanecer ali e esperar que a maré empurrasse o objecto até aonde ele se encontrava, mas a coisa não resultou dessa forma, pois passada meia hora o objecto continuava a flutuar no mesmo sítio, retido por uma corrente a alguma distância da praia. Por fim, como um gato que tivesse avistado um rato do outro lado de um lodaçal, Pitt afastou o bom senso da sua mente, levantou-se e entrou calmamente na água. Quando esta lhe chegou acima dos joelhos, arqueou o corpo e mergulhou sob a onda seguinte, calculando o mergulho para que sentisse a rebentação apenas nos pés, que lhe serviam de barbatanas. A temperatura da água era agradável, como a água tépida na banheira de um quarto de hotel. Segundo a sua estimativa, a temperatura andaria pelos vinte e cinco graus centígrados. Assim que a sua cabeça emergiu, começou a nadar com grande agilidade pelo turbilhão de espuma, permitindo que a força da corrente o levasse para águas mais profundas. Não precisou de levantar a cabeça para observar o avanço da onda seguinte, pois o vento, que

soprava do lado do mar, espalhava borrifos da crista vários metros à sua frente, bombardeando as suas costas nuas com uma saraivada de gotículas de água. Nesse momento, inspirou, voltou a mergulhar a cabeça e atravessou a furiosa muralha de água, tornando a emergir sob a luz do sol do outro lado.

Passados vários minutos, parou e manteve-se no mesmo sítio, procurando um reflexo amarelo. Avistou-o a cerca de dezoito metros à sua esquerda. O seu olhar fixou-se naquela coisa estranha enquanto ele se ia aproximando dela, perdendo-a de vista apenas por alguns instantes, quando o objecto ficava oculto atrás das depressões das ondas. Sentiu que a corrente o estava a empurrar demasiado para a direita, pelo que compensou o ângulo e aumentou a potência das braçadas, regulando cuidadosamente o ritmo para evitar o perigo da exaustão. Por fim, estendeu o braço, e os seus dedos tocaram numa superfície redonda e polida.

O prémio pelo qual Pitt se arriscara a afogar-se apresentou-se-lhe sob a forma de um cilindro. Tinha quase sessenta centímetros de comprimento por vinte de diâmetro e a cobertura amarela que envolvia o objecto era feita de um material plástico à prova de água, com a inscrição US Navy impressa em letras maiúsculas em ambas as extremidades. O cilindro era leve — pesaria cerca de dois quilos e meio —, mas o mais importante era que flutuava; por isso, Pitt abraçou o objecto, relaxou o corpo e avaliou a sua posição — agora precária —, achando-se a uma distância considerável do ponto de rebentação das ondas.

Varreu a praia com o olhar, em busca de alguém que o pudesse ter visto entrar na água... alguma testemunha que pudesse, pelo menos, ter alertado as autoridades e pedido ajuda, mas o areal encontrava-se vazio numa extensão de vários quilómetros para ambos os lados. Pitt nem se preocupou em perscrutar os penhascos íngremes que dominavam a praia, pois não era de esperar que alguém escalasse aquelas encostas rochosas num dia útil, a meio da semana.

Perguntou a si mesmo por que motivo tomara uma atitude tão estúpida e arriscada, mas o misterioso objecto amarelo constituía, para ele, um motivo para aceitar o risco e, depois de se lançar naquela aventura perigosa, em nenhum momento pensou em voltar atrás. Agora, o mar traiçoeiro aprisionara-o no seu punho firme e não lhe oferecia qualquer hipótese de escapar nem mostrava piedade para com ele.

Por um fugaz momento, pensou em tentar nadar de volta para a praia, em linha recta, mas abandonou logo essa ideia. Talvez Mark Spitz o tivesse conseguido, mas aquele campeão tinha passado metade da sua vida a treinar e Pitt sabia que jamais teria ganho todas aquelas

medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos, com o seu maço de tabaco diário e os vários uísques *Cutty Sark* que bebia todas as noites. Portanto, em vez disso, decidiu concentrar-se em bater a velha Mãe-Natureza no seu próprio terreno.

As ondas eram agora mais suaves e a força da corrente começava a diminuir. Um sorriso de conhecedor começou a desenhar-se nos lábios de Pitt. Era um velho conhecedor das correntes rápidas e submarinas. Praticara *bodysurf* durante anos e conhecia todos os truques, todos os caprichos das correntes marítimas. Um homem podia ser arrastado para o mar numa parte da praia, enquanto a cem metros de distância um grupo de crianças podia brincar nas ondas mais pequenas sem notar o mais pequeno arrasto da corrente. As correntes rápidas de força irresistível ocorrem quando as correntes costeiras refluem para o mar através de depressões estreitas e escavadas por tempestades em bancos de areia afastados da costa. É nestes pontos que a corrente que flui para terra muda de direcção e se afasta da costa, muitas vezes a uma velocidade de quatro milhas por hora <sup>2</sup>. A maré já se tinha quase esgotado e Pitt sabia que lhe bastaria nadar numa linha paralela ao areal para se libertar da força da corrente e, em seguida, chegar a terra num ponto diferente da praia. Mark Spitz sentir-se-ia orgulhoso dele.

A única preocupação que lhe ocupava a mente, àquela distância da costa, era a ameaça dos tubarões. Aquelas máquinas de matar marinhas nem sempre assinalavam a sua presença com a barbatana dorsal rasgando as águas e facilmente podiam lançar um ataque a partir do fundo, sem qualquer aviso. Sem óculos de mergulhador, Pitt jamais saberia quando — ou de que direcção — viria a mordedura fatal. A sua única esperança era alcançar a segurança da orla marítima antes de integrar o menu do almoço. Sabia que os tubarões raramente se arriscavam a aproximar-se da costa porque os redemoinhos causados pela elevada cadência de rebentação das ondas fazia com que lhes entrasse areia nas guelras, o que lhes causava uma irritação que só não desencorajava os mais famintos e ávidos por uma refeição fácil.

Já não lhe passava pela cabeça poupar energias e nadava como se todos os «devoradores de pessoas» do Oceano Pacífico o perseguissem. Não obstante, foram necessários quinze minutos a nadar freneticamente até sentir a primeira onda dar-lhe um ligeiro empurrão na direcção da praia. Passaram mais nove ondas por ele, mas a décima apanhou o cilindro boiante e empurrou-o, levando Pitt até cerca de três

---

<sup>2</sup> Tendo por base a milha náutica (1852 m), corresponde a uma velocidade de cerca de 7,5 km/h.

metros da borda-d'água. Assim que os seus joelhos voltaram a tocar na areia, levantou-se, cambaleando como um marinheiro náufrago exausto e afastou-se da água aos tropeções, arrastando o «prémio» atrás de si. Depois, deixou-se cair sobre a areia aquecida pelo sol, dando graças a Deus, e voltou-se para o mar.

— Ainda não foi desta... — murmurou.

Mais lhe valia ter poupado o latim, pois a única resposta que recebeu foi o troar incessante das ondas. A Mãe-Natureza até podia ter devolvido uma migalha, mas dir-se-ia que não estava na disposição de desenvolver o assunto.

Cansado, Pitt voltou a concentrar-se no cilindro amarelo que tinha ao seu lado. Depois de remover a cobertura de plástico, deparou-se com um tubo de alumínio de um tipo que nunca tinha visto. As partes laterais apresentavam várias hastes pequenas que se assemelhavam a carris em miniatura, sendo que uma delas tinha uma tampa de enroscar, que Pitt começou a abrir, intrigado com a proximidade dos filamentos da rosca e com as inúmeras voltas que teve de lhe dar antes de esta lhe cair, finalmente, na mão. Dentro do objecto, encontrava-se apenas um rolo apertado de vários documentos. Retirou-o com cuidado e analisou os manuscritos, cujos textos se encontravam minuciosamente inseridos dentro de colunas e linhas com títulos.

Ao ler aquelas páginas, foi como se se sentisse tocado por uma mão gelada e, apesar dos cerca dos trinta e três graus centígrados que se faziam sentir, ficou com pele de galinha em todo o corpo. Lançou um olhar rápido em redor, quase imaginando uma figura fantasmagórica envolvendo-o no seu manto gelado e convidando-o a segui-lo. Porém, não havia ali nenhum fantasma. De facto, os únicos seres que se viam ali eram alguns maçaricos e um alma-de-mestre, que pairava ao sabor do vento que soprava do lado do mar. Pitt tentou várias vezes desviar os olhos daqueles papéis, mas a estranha atracção exercida pelo seu conteúdo era demasiado forte. Sentia-se atordoado pela enormidade do que tinha nas mãos.

Depois de reler a última frase do documento, sentou-se e deixou o olhar vaguear pelo oceano durante uns bons dez minutos. A frase terminava com um nome: *Almirante Leigh Hunter*. Em seguida, muito lentamente, Pitt tornou a colocar os papéis com cuidado dentro do cilindro e enroscou a tampa, voltando a cobri-lo com a cobertura amarela.

Parecia que um sinistro manto de silêncio tinha coberto Kaena Point. Para Pitt, todo aquele cenário parecia agora sobrenatural: a ondulação continuava a rebentar na praia, mas até o seu troar parecia ter sido abafado, de alguma forma. Levantou-se, sacudiu a areia que se co-

lara ao seu corpo molhado, pôs o cilindro debaixo do braço e começou a correr a um ritmo descontraído pela praia. Quando chegou ao pé da sua esteira, apressou-se a recolhê-la e a enrolá-la em torno do objecto que levava sob o braço; depois virou-se e percorreu, apressado, a passadeira que levava à estrada paralela à praia.

O A C Ford Cobra vermelho vivo encontrava-se estacionado na berma da estrada, como um cão fiel e desconsolado esperando a volta do dono. Pitt não perdeu tempo. Atirou o objecto que transportava para cima do assento do passageiro e apressou-se a sentar-se ao volante. Atrapalhou-se com as chaves. A sensação estranha na boca do estômago e o turbilhão em que se encontrava a sua cabeça desde havia meia hora impediam-no de pensar com clareza.

— Cretino! — murmurou.

Apanhou a Auto-estrada 99, passou por Waialua e percorreu o longo declive que acompanhava o pitoresco e normalmente seco Kaukomahua Stream. Quando a reserva militar de Schofield Barracks desapareceu do seu espelho retrovisor, virou na saída abaixo de Wahiawa e tomou a direcção de Pearl City a alta velocidade, ignorando completamente a possibilidade de passar por algum carro da polícia na auto-estrada.

As montanhas Koolau surgiram à sua esquerda, com os cumes cravados nas sempre negras nuvens anunciadoras de tempestade, enquanto as plantações de ananases, ordenadas e verdejantes, se iam estendendo — num contraste nítido com o solo vulcânico, fértil e vermelho — e a sua imagem se esbatia nas janelas do veloz Cobra. Pitt deparou-se com uma tempestade tropical repentina e, num gesto subconsciente, levou a mão ao interruptor do limpa pára-brisas.

Por fim, avistou o portão principal de Pearl Harbor e abrandou a marcha ao ver um guarda de uniforme sair do posto de controlo para a costumeira identificação. Pitt retirou a carteira do porta-luvas e mostrou o Bilhete de Identidade militar à sentinela, um sargento dos fuzileiros navais. Após um exame minucioso e demorado da foto tipo passe, o jovem fuzileiro devolveu o documento, fez imediatamente continência e mandou Pitt avançar.

Este devolveu a saudação e preparava-se para arrancar quando se lembrou de pedir à sentinela que lhe indicasse o caminho para o quartel-general do almirante Hunter. O fuzileiro puxou de um bloco de notas e de um lápis que trazia no bolso da camisa e, gentilmente, fez-lhe um croquis, que lhe entregou através da janela do pequeno desportivo, repetindo a continência.

Pitt parou em frente a um edifício de cimento incaracterístico,

perto da zona da doca. Não teria reparado naquela construção se não fosse uma pequena tabuleta com a indicação «Quartel-general 101<sup>a</sup> Esquadra de Resgate» claramente escrita. Desligou a ignição, pegou no objecto húmido e saiu do carro. Ao passar pela entrada, desejou ter-se lembrado de levar uma t-shirt e umas calças largas. Dirigiu-se à recepção, onde um marinheiro, com o uniforme branco de Verão da Armada, dactilografava mecanicamente com uma máquina de escrever. A placa, na secretária, dizia: «Marinheiro G. Yager».

— Desculpe — murmurou Pitt, constrangido, — gostaria de falar com o almirante Hunter.

O recepcionista ergueu o olhar com um ar desinteressado e os olhos quase lhe saltaram das órbitas.

— Caramba, amigo, perdeu o juízo? O que é que pretende arranjar ao vir aqui vestido apenas com calções de banho? Se o velhote o vir nesses preparos, o senhor é um homem morto! Vá-se embora daqui depressa ou ainda vai parar ao briguel!

— Eu sei que não estou vestido para um jantar de gala — retorquiu Pitt num tom discreto e agradável —, mas tenho a maior urgência em falar com o almirante.

O marinheiro levantou-se da secretária com a cara ruborescendo.

— Deixe de se armar em parvo! — disse, um pouco alterado. — Ou vai curar a bebedeira para o sítio de onde veio ou mando chamar a Polícia Marítima!

— Então chame-a! — retorquiu Pitt, elevando de repente a voz.

— Olhe, amigo... — disse o marinheiro, num tom de irritação controlada. — Faça um favor a si próprio: volte ao seu navio e apresente um pedido formal para falar com o almirante, através da cadeia de comando!

— Isso não será necessário, Yager — disse uma voz, vinda de trás deles, com a delicadeza de um bulldozer levantando o asfalto de uma auto-estrada.

Pitt virou-se e deu por si cruzando olhares com um homem alto, de pele engelhada, que se encontrava sob a ombreira da porta de um escritório. O uniforme era branco desde o colarinho até aos sapatos e saltavam à vista os cordões dourados que o enfeitavam, os quais começavam nos braços e se estendiam até às divisas, nos ombros. O cabelo era algo revoltado e branco, estendendo-se quase até à cara, cadavérica e cansada. Era a imagem estampada da figura do jogador dissoluto de John Carradine, no filme *Stagecoach*<sup>3</sup>. Só os olhos pareciam ter vida e

---

<sup>3</sup> Título em português: Cavalgada de Heróica. (N. T.).

fulminavam Pitt com um olhar que ele juraria que lhe deixava todos os pêlos do corpo eriçados.

— Sou o almirante Hunter e não lhe dou mais do que cinco minutos, meu rapaz, por isso é melhor não desperdiçar o meu tempo!

— Com certeza, senhor almirante — foi a única coisa que Pitt conseguiu responder.

Hunter já se tinha virado e entrava já no seu gabinete. Pitt seguiu-o e, se não se sentia já embaraçado antes de entrar no gabinete do almirante, lá dentro o seu desconforto tornou-se evidente. Havia três outros oficiais da armada, para além de Hunter, sentados em torno de uma mesa de conferências de estilo antigo e imaculadamente polida. O espanto que revelaram ao verem Pitt ali, de pé e semi-nu, com um volume estranho debaixo do braço, ficou imediatamente patente nas expressões de confusão que se estamparam na cara de cada um.

Hunter fez as apresentações, mas Pitt não se deixou levar pela falsa cortesia. Era evidente que o almirante tentava intimidá-lo com as patentes, enquanto lhe perscrutava o olhar em busca de alguma reacção. Pitt ficou a saber que o capitão de mar-e-guerra alto e louro, parecido com John Kennedy, era Paul Boland, o oficial no comando da 101ª Esquadra. O corpulento capitão que sofria de um problema de transpiração evidente respondia pelo estranho nome de Orl Cinana, e era o oficial encarregue da pequena frota de navios de resgate de Hunter. Quanto à pequena criatura, que quase parecia um gnomo e se apressou a apertar a mão de Pitt, apresentou-se como sendo o capitão Burdette Denver, ajudante-de-campo do almirante. Pitt não conseguiu evitar simpatizar imediatamente com o pequeno e amistososo capitão.

— Muito bem, meu rapaz...

Aquela expressão outra vez! Pitt daria um mês de salário para partir a boca de Hunter.

—... interrompeu uma conferência importante e causou, aos meus oficiais e a mim próprio, um incómodo considerável.

A voz de Hunter transpirava sarcasmo.

— Portanto, ficar-lhe-íamos eternamente gratos se quisesse ter a gentileza de nos dizer quem é e a que se deve esta interrupção.

Pitt reprimiu uma onda de fúria e olhou Hunter nos olhos.

— A sua patente, meu general, não lhe dá o direito de assumir um comportamento arrogante. Sugiro que se comporte como um oficial e demonstre um pouco de refinamento... Se tiver talento para isso, evidentemente.

Sentou-se numa cadeira vazia e fingiu ter comichão numa sobran-  
celha, depois esperou, descontraído, pela explosão, que não tardou.

Cinana fuzilou-o com o olhar, do lado oposto da mesa, com a  
cara transformada numa máscara trovejante de aversão.

— Seu monte de merda! Como é que se atreve a vir aqui insultar  
o nosso almirante?!

— O homem é doido! — atirou Boland, inclinando-se na direcção  
de Pitt, com uma expressão que, de repente, se tornou gélida e tensa.

— Sabe com quem é que está a falar, seu camelo?! — vociferou o  
almirante Hunter.

— Uma vez que já nos apresentámos, a resposta é um inequívoco  
sim — respondeu Pitt, calmamente.

— Juro que mando o Yager chamar a Polícia Marítima para que  
o metam num brigue! — ameaçou Cinana, desferindo um murro na  
mesa, com o punho transpirado.

— O filho da mãe tem tomates, disse não haja dúvidas!

Hunter acendeu um cigarro comprido, atirou o fósforo na direc-  
ção de um cinzeiro, falhando-o por uns quinze centímetros, e fitou Pitt  
intensamente, com uns olhos castanhos, gelados e calculadores.

— Assim, deixa-me sem alternativas, meu rapaz!

Pitt recostou-se na cadeira e devolveu o olhar a Hunter.

— O meu nome é Pitt... Dirk Pitt, senhor almirante, e não «meu  
rapaz». Lembra-se da última vez em que alguém lhe chamou *esqueleto*?

Hunter agarrou a borda da mesa com tanta força, que os nós dos  
dedos embranqueceram.

— Como queira... Pitt, ou lá como é que se chama!

Em seguida, virou-se para Boland.

— Sr. Capitão, ordene ao marinheiro Yager que chame a Polícia  
Marítima!

— Eu não o faria, meu almirante.

Denver levantou-se da cadeira e passou por trás de Pitt. Pitt não  
o viu, mas um sorriso irreverente espalhou-se pela boca do pequeno  
comandante.

— O homem a quem alguns dos senhores já se referiram como  
«monte de merda» e «filho da mãe» e que desejam pôr a ferros é Dirk  
Pitt, que, por acaso, é Director do Departamento de Projectos Espe-  
ciais da Agência Nacional para os Assuntos do Mar e Subaquáticos e  
cujo pai — também por acaso — é o senador George Pitt, da Califór-  
nia, Presidente do Comité do Orçamento para a Armada.

Cinana murmurou uma palavra curta e irrepetível.

Boland foi o primeiro a recuperar do choque.

— Tem a certeza do que está a dizer?

— Sim, Paul, a certeza absoluta! — confirmou o capitão, contornando a mesa para encarar Pitt. — Nunca nos encontramos pessoalmente, mas o meu primo — que também trabalha na NUMA<sup>4</sup> — já me falou de si. O meu primo é o capitão-de-fragata Rudi Gunn.

Pitt sorriu de satisfação.

— Conheço perfeitamente! O Rudi e eu colaborámos em vários projectos. Agora vejo as parecenças — os senhores são parecidos como duas gotas de água! A única diferença visível é o facto de Rudi usar óculos com armação de osso.

— Eu costumava chamá-lo de «olhos de castor», quando éramos miúdos — gracejou Denver.

— Hei-de atirar-lhe com essa, na próxima vez em que o vir — retorquiu Pitt, sorrindo.

— Espero que... que não guarde ressentimento por... por algumas coisas menos correctas que possamos ter-lhe dito — balbuciou Boland.

— Claro que não — retorquiu Pitt, lançando-lhe o seu olhar mais cínico.

Hunter e Cinana cruzaram olhares que Pitt decifrou sem dificuldade. Se aqueles oficiais tentaram disfarçar a inquietação que sentiram por terem entre si o filho de um senador dos Estados Unidos que gostava de insultar o seu «clube» exclusivo e prestigiado, falharam redondamente no que se referia a ocultar os seus esforços nesse sentido.

— Ok, senhor Pitt, somos todos ouvidos: o que o trouxe aqui?

A pergunta, feita por Hunter, não tinha floreios, nem palavras caras. Era apenas uma pergunta directa, sem rodeios.

— Sou apenas um rapaz que andava por aqui a passear — disse Pitt, tranquilo — e, ao apanhar sol na praia, encontrei uma coisa que lhe pertence.

— Ora, ora... — disse Hunter, num tom arrastado.

Parecia o tipo de homem que não se importava nada com as consequências de partir uma cadeira na cabeça de Pitt.

— Que honra! E o que o leva a crer que o que achou me pertence?!

Pitt olhou, meditabundo, para os três homens, com ar de quem se preparava para lançar uma bomba. Colocou o cilindro, ainda enrolado na esteira de bambu, em cima da mesa.

— Dentro deste objecto, encontrará alguns papéis, e um deles contém o seu nome.

---

<sup>4</sup> National Underwater and Marine Agency (N. T.).

A expressão de Hunter não revelou o mais leve vestígio de curiosidade. O velhote sabia bem ser cauteloso.

— Onde é que encontrou isto?

— Perto da ponta de Kaena Point.

— Deu à costa na praia? — quis saber Denver, inclinando-se para diante.

— Não — respondeu Pitt, abanando a cabeça. — Tive de nadar para lá das ondas, para o ir buscar.

— Nadou para lá das ondas, em Kaena Point? — indagou Denver, absolutamente espantado. — Nunca pensei que isso fosse possível — confessou.

Hunter lançou um olhar assaz intrigado a Pitt, mas este não lhe deu importância.

— Importa-se de nos mostrar o que tem aí?

Pitt assentiu com a cabeça, em silêncio, e desembrulhou o cilindro, dando pouca importância à areia húmida que caiu para cima da mesa. Em seguida, passou o objecto ao almirante.

— Foi este plástico amarelo que despertou a minha atenção.

Hunter pegou no cilindro e ergueu-o para que os outros oficiais o vissem melhor.

— Meus senhores, reconhecem este objecto?

Os outros limitaram-se a fazer gestos afirmativos com as cabeças, em silêncio.

— É evidente que nunca prestou serviço num submarino, caso contrário reconheceria uma cápsula de comunicação.

Hunter pousou o cilindro e tocou-lhe ao de leve, de uma forma quase reverente.

— Quando um submarino permanece submerso e a tripulação deseja comunicar com o navio de superfície que o segue, é enviada uma mensagem através de uma cápsula de alumínio como esta.

Enquanto falava, o almirante foi retirando com cuidado o plástico amarelo.

— Estas cápsulas são, depois, ejectadas com dispositivos acoplados que libertam uma tinta vermelha de sinalização, através de tubos pneumáticos existentes nos cascos dos submarinos. Quando chegam à superfície, a tinta é libertada e mancha vários milhares de metros quadrados de água, tornando-se imediatamente visível a partir do navio de superfície.

— A estreita rosca da tampa foi feita à máquina, de maneira a evitar infiltrações sob pressão extrema — acrescentou Pitt, calmamente.

— Leu o conteúdo da cápsula? — perguntou Hunter, olhando, expectante, para Pitt.

— Li, sim senhor — respondeu Pitt, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça.

Nenhum dos outros oficiais — Boland, Cinana, Denver — compreendeu a aflição, o desespero no olhar do almirante.

— Não se importa de descrever o que viu? — pediu Hunter, sabendo, com uma certeza aterradora, qual seria a resposta.

Decorreram vários segundos, durante os quais Pitt, em silêncio, desejou ardentemente nunca ter posto os olhos na maldita cápsula. Porém, sabia que já não tinha escapatória possível. Uma última frase e ver-se-ia livre de toda aquela situação incômoda. Mesmo naquele momento, percebeu que não estava preparado, que a sua imaginação não conseguia abarcar a realidade. Respirou fundo e falou devagar, com dificuldade.

— Dentro desta cápsula encontra-se uma nota dirigida ao senhor almirante. A cápsula contém ainda vinte e seis páginas arrancadas do diário de bordo do submarino nuclear *Starbuck*.

## 2.

«NÃO HÁ EXPLICAÇÃO POSSÍVEL PARA O INFERNO DOS ÚLTIMOS CINCO DIAS».

— A primeira frase da última mensagem do capitão-de-fragata Dupree mal aflorou os eventos macabros que se seguiram <sup>5</sup>.

«Sou o único responsável pela mudança de rumo que levou o meu navio e a minha tripulação ao que, certamente, parecerá um fim estranho e terrível. Para além disto, posso apenas descrever, o melhor que me for possível, as circunstâncias da catástrofe, pois a minha mente já não funciona como devia».

— O facto de Dupree já não estar na posse de todas as suas faculdades mentais constitui uma confissão espantosa, vinda de um homem que construiu a sua reputação com base numa mente poderosa como um computador.

«Entrámos no banco de nevoeiro às 20:40, do dia 14 de Junho. Pouco tempo depois, com o fundo do mar a escassas trinta braças <sup>6</sup> da nossa quilha, uma explosão abriu um rombo na proa do submarino e uma torrente de água irrompeu, troante, pelo compartimento de torpedos da proa, inundando-o quase instantaneamente».

— O capitão não revelou se sabia, de facto, se a explosão teve origem no interior ou no exterior do casco do *Starbuck*.

---

<sup>5</sup> *Comentários do almirante Hunter*

<sup>6</sup> Uma braça é uma medida antiga, equivalente a 1,8 m. *In* Diciopédia 2008, Porto Editora. (N. T.).

«De toda a tripulação, vinte e seis membros tiveram a sorte de morrerem em poucos segundos. Desejámos que os três elementos que ainda se encontravam na torre — o tenente Carter, o marinheiro Farris e Metford — tivessem conseguido libertar-se antes de o navio ter batido no fundo, mas os acontecimentos trágicos revelaram uma outra realidade».

— Se o *Starbuck* navegava à superfície, como Dupree indica, parece estranho que o Carter, o Farris e o Metford não tenham conseguido abandonar a torre e entrar no submarino em menos de trinta segundos. É simplesmente inconcebível que ele tenha mandado selar as escotilhas, deixando os homens entregues ao seu destino. Também é inconcebível que não tenha havido tempo para os salvar, pois isso significaria que o *Starbuck* se tinha afundado como uma pedra, o que não é provável.

«Entretanto, selámos as escotilhas e os respiradouros. Depois, ordenei que se despejasse todo o lastro e se levantassem totalmente os estabilizadores, mas já não fui a tempo, porque os estrondos tremendos e os rangidos de proa indicavam que o navio se estava a afundar a pique».

— Parece-me razoável presumir que, com todos os tanques de lastro despejados e a proa enterrada a uma profundidade de apenas 180 pés, a secção da ré do casco de 320 pés do *Starbuck* tivesse ficado à superfície. Porém, tal não foi o caso.

«Estamos agora no fundo. O convés rodou oito graus para estibordo, com uma inclinação descendente de dois graus. Com a excepção do compartimento dos torpedos, todo os outros foram isolados e parecem não ter sofrido infiltrações. Agora, estamos todos mortos. Já ordenei aos homens que desistissem... A minha loucura matou-nos a todos».

— É o mistério mais extraordinário até à data. Se calcularmos vinte e cinco pés da quilha à borda, a distância entre a escotilha de emergência da popa até à superfície seria de cento e trinta e cinco pés, o que representa uma subida moderada para um homem com um equipamento de respiração artificial, aparelho que existe para os tripulantes, em todos os submarinos. Durante a Segunda Guerra Mundial, oito membros do malgrado submarino *TANG* conseguiram nadar cento e oitenta pés até à superfície, apenas com o ar dos próprios pulmões.

As últimas frases são ainda mais desconcertantes. O que terá precipitado a loucura de Dupree? As provas, muito pouco concludentes, só nos deixam a possibilidade de o capitão ter sucumbido ao stress de toda aquela situação aterradora. Nas frases seguintes, Dupree parece afastar-se ainda mais da realidade.

«Acabaram-se os mantimentos e o oxigénio que nos resta durará, no máximo, algumas horas. A água potável esgotou-se ao terceiro dia».

— Ora, isto é impossível! Com o reactor nuclear operacional — e não há motivo para acreditar que não o estava —, a tripulação poderia ter sobrevivido durante vários meses. As unidades de destilação de água potável facilmente facultariam um fornecimento mais do que suficiente de água potável e, com algumas medidas de precaução no sentido de minorar a acumulação de dióxido de carbono — nomeadamente evitando que a tripulação se movimentasse demasiado e proibindo o uso de tabaco a bordo —, o sistema de sobrevivência a bordo, que purificava a atmosfera do submarino e produzia oxigénio, teria permitido a sobrevivência confortável de sessenta e três homens até deixar de funcionar por alguma — pouco provável — avaria mecânica. Só a questão dos mantimentos representava um problema a longo prazo. Contudo, atendendo a que o *Starbuck* ainda se encontrava a percorrer o trajecto de ida, as reservas de mantimentos ainda se deveriam encontrar muito acima dos dois terços. Se racionadas, durariam noventa dias. Tudo dependia do reactor... Se este se avariasse, os homens morreriam.

«O meu destino é evidente, e sinto uma paz estranha. Ordenei ao médico de bordo que desse aos homens injeções que lhes acabassem com o sofrimento. Como é evidente, serei o último a morrer».

— Caramba! Será possível que, num estado de loucura, o capitão-de-fragata Dupree tenha mesmo ordenado o assassinato em massa dos membros sobreviventes da tripulação? (Neste ponto, a caligrafia torna-se tremida e mais difícil de ler).

«Eles voltaram. O Carter está a bater no casco. Valha-me Deus, porque é que o fantasma dele nos tortura desta forma?!».

— Aqui, Dupree ultrapassou todos os limites e mergulhou num estado de loucura total. Mas como foi isto possível, passados apenas cinco dias?!

«Só conseguiremos mantê-los do lado de fora durante mais algumas horas. Já quase conseguiram entrar pela escotilha do compartimento de emergência da ré. Isto não é bom... nada bom... (*ilegível*). Querem matar-nos a todos, mas, no fim, seremos mais espertos do que eles. Sem satisfação, não há vitória! Nesse momento, já estaremos todos mortos!

— A quem, diabos, é que ele se refere com «eles»? Será possível que outra embarcação, talvez uma traineira espia russa, estivesse a tentar salvar a tripulação?

«Já está escuro, à superfície, e eles pararam. Vou enviar esta men-

sagem e as últimas páginas do diário de bordo através da cápsula de comunicação. Há boas possibilidades de eles não a verem durante a noite. A nossa posição é a seguinte (*os primeiros números estão rasurados*): 32° 43' 15'' N — 161° 18' 22'' O».

— A posição não parece provável, pois situa-se a mais de quinhentas milhas de distância da última posição transmitida pelo *Starbuck*. O submarino não teria tempo para percorrer a distância necessária entre a posição referida no último contacto via rádio e a posição dada por Dupree — nem nada que se parecesse! — mesmo à velocidade máxima real. Ambos os mistérios se acumulam e, por mais que tentemos compreender as palavras tresloucadas do capitão Felix Dupree, os factos que desconhecemos levam a nossa imaginação ao limite.

Dupree termina a mensagem no mesmo estado paranóico.

«Não nos procurem; os vossos esforços só podem acabar em vão. Eles não permitirão que seja encontrado o menor vestígio. Que artimanha mais vergonhosa usaram! Se eu tivesse adivinhado, ainda estaríamos vivos para podermos tocar no sol! Por favor, façam chegar esta mensagem ao almirante Leigh Hunter, em Pearl Harbor».

— Enigma final: porquê eu? (palavras de Hunter). Tanto quanto sei, o capitão-de-fragata Dupree e eu nunca nos encontramos. Porque é que ele me escolheu como destinatário da última mensagem do *Starbuck*?

A única base concreta em que nos podemos apoiar é a certeza de que o *Starbuck* naufragou, de facto, nas águas do Pacífico, desaparecendo como se tivesse sido sugado por um turbilhão monstruoso a norte do arquipélago do Havai. Nada mais sabemos, para além disso.

### 3.

PITT DEBRUÇOU-SE SOBRE O BALCÃO DO BAR DO ROYAL HAWAIIAN HOTEL, fitando, absorto, a bebida, enquanto a sua mente vagueava pelos acontecimentos do dia. Cada um deles passava, tremeluzindo, diante dos seus olhos fixos como cenas de um filme mudo dissolvendo-se e sucedendo-se umas às outras num velho ecrã quadrado... Todos, com a excepção de um, que permanecia e recusava dissolver-se: a cara do almirante Hunter tão vermelha como o conteúdo da cápsula — aquela face inexpressiva, de olhar intenso, esgotada e pálida perante a terrível incongruência do destino fatal do *Starbuck* e as palavras desconcertantes e paranóicas do capitão Dupree.

Quando Hunter terminara, erguera o olhar lentamente e fizera um aceno de cabeça a Pitt, que lho devolvera e apertara a mão engehada que o almirante lhe estendera em silêncio, murmurando as despedidas para os outros oficiais e saindo do gabinete como que em estado de hipnose. Não se lembrava de ter passado pelo tráfico ondulante da auto-estrada Nimitz. Também não se lembrava de ter entrado no quarto de hotel, de ter tomado o seu duche ou de se ter vestido, saindo depois em busca de algum objectivo obscuro e desconhecido. Mesmo naquele momento, ao fazer rodopiar lentamente o uísque que tinha no copo, os seus ouvidos apenas captavam o tagarelar indistinto da multidão de línguas que o rodeavam no bar.

A descoberta da última mensagem do *Starbuck* tinha algo de es-

tranhamente sinistro, pensou, absorto. Um pensamento retrospectivo e prudente tentou desesperadamente emergir das profundezas do seu cérebro, mas falhou, incapaz de se sustentar ou causar qualquer impressão, e desvaneceu-se, retornando ao nada de onde veio.

Pelo canto do olho, Pitt apercebeu-se de um homem, afastado dele mas encostado ao mesmo balcão, erguendo um copo na sua direcção, num gesto que lhe oferecia uma bebida. Era o capitão Orl Cinana. Tal como ele, o oficial apresentava-se vestido de forma casual, com umas calças largas e uma camisa havaiana florida. Pitt acenou-lhe um cumprimento com a cabeça. Cinana aproximou-se e inclinou-se sobre o balcão, ao seu lado. Continuava a transpirar e tinha um lenço na mão, com que secava a testa e limpava as mãos quase constantemente. Pelo menos, era essa a impressão de Pitt.

— Posso oferecer-lhe um copo? — perguntou Cinana, com um sorriso que tinha um quê de falsidade.

— Obrigado — agradeceu Pitt, erguendo o copo, ainda cheio —, mas ainda nem toquei na minha bebida.

Pitt mal tinha reparado em Cinana no gabinete do almirante, em Pearl Harbor, e agora sentia-se algo surpreendido por reparar num pormenor que lhe havia escapado. Tirando o facto de Cinana ter uns seis ou sete quilos a mais do que ele, poderiam passar por primos. Existiam pequenas diferenças, claro, como a cor dos olhos (um tinha-os verdes; o outro castanhos) e a idade (trinta e cinco e cinquenta, respectivamente), mas a altura, a cor do cabelo e as feições em geral eram semelhantes.

Cinana fez rodar o gelo no seu rum Collins, evitando, algo nervoso, o olhar inexpressivo de Pitt.

— Gostaria de voltar a pedir-lhe desculpa pelo pequeno mal-entendido desta tarde.

— Deixe lá isso, Sr. Capitão. Eu também não fui um exemplo de cortesia.

— Uma coisa terrível, a perda do *Starbuck* — comentou Cinana, dando um gole na bebida.

— De uma forma ou de outra, todos os mistérios acabam por ser resolvidos. Lembre-se dos casos do *Thresher*, do *Bluefin*, do *Scorpion*... A Armada nunca desistiu até toda a gente ser localizada.

— Desta vez não vai ser a mesma coisa — vaticinou Cinana, taciurno. — Este, nunca o vamos encontrar.

— Nunca diga «nunca».

— As três tragédias que mencionou, Sr. Major, ocorreram no Atlântico. Ora, o *Starbuck* teve a fatalidade de desaparecer no Pacífi-

co... — comentou Cinana, fazendo uma pausa para enxugar o pescoço — e, na Armada, temos um ditado sobre navios que desaparecem neste oceano:

*Os que se encontram no fundo do Atlântico  
São recordados em capelas, coroas de flores e poesia;  
Mas os que se encontram nas profundezas do Pacífico  
São esquecidos para toda a eternidade.*

PITT FICOU FASCINADO COM O TOM DE VOZ DE CINANA. QUASE VIU O CAPITÃO num púlpito, encharcado em suor, dirigindo um sermão a um grupo de pescadores da Nova Escócia que esperasse a próxima maré para se fazer ao mar.

— Mas os senhores ficaram a saber da posição do submarino pela mensagem de Dupree — disse Pitt. — Com alguma sorte, o vosso sonar detectá-lo-á no espaço de uma semana, depois de iniciadas as buscas no mar.

— O mar não revela facilmente os seus segredos, Sr. Major. — retorquiu Cinana, pousando o copo vazio em cima do balcão. — Bem, tenho de ir. Estava previsto eu encontrar-me com uma pessoa mas, pelos vistos, ela deixou-me «pendurado».

— Eu sei o que isso é — disse Pitt, apertando a mão estendida de Cinana, com uma careta.

— Adeus, e boa sorte.

— O mesmo para si, Sr. Capitão.

Cinana voltou-se e atravessou a multidão de lado, até à entrada do hotel, e perdeu-se no imenso mar de cabeças.

Pitt ainda não tinha tocado na bebida. Depois de Cinana se ter ido embora, deu por si suportando uma solidão exasperante, sentimento esse agudizado pela confusão de vozes que enchiam a sala. De repente, sentiu a necessidade de se embebedar completamente. Queria esquecer o nome *Starbuck* e concentrar-se em coisas mais importantes, como engatar uma secretária de férias ou uma professora que tivesse deixado todas as suas inibições sexuais em Omaha, no Nebraska. Por isso, emborcou a bebida e pediu outra.

Estava já «alegre», com aquela afabilidade que se caracteriza por um maior desprendimento da língua, quando se apercebeu da pressão de um suave par de seios femininos nas suas costas e da presença de duas mãos esguias e brancas em torno da sua cintura. Voltou-se sem pressas e deu por si olhando para a cara endiabrada de Adrienne Hunter.

— Olá, Dirk — murmurou ela, num tom enrouquecido. — Precisas de uma bebida, amigo?

— Talvez... E que mais?

Ela apertou-lhe a cintura.

— Podíamos ir para minha casa, víamos um filme até muito, muito tarde, púnhamos tudo em dia...

— Não posso. A minha mãe quer-me em casa cedo.

— Ora, ora, meu querido, não serias capaz de negar a uma velha amiga uma noite escandalosa, pois não?!

— É para isso que servem os velhos amigos? — perguntou ele, com sarcasmo.

As mãos dela desceram mais um pouco e Pitt afastou-as.

— Devas arranjar outro passatempo. Ao ritmo com que cedes às tuas fantasias, até me admira como é que ainda não estás na sucata...

— Aí está um pensamento interessante — retorquiu ela, sorrindo. — Sempre me dava jeito o dinheiro. Quando é que será que dariam por mim?

— Provavelmente, o preço de uma carripana velha e mais que usada.

— Só magoamos as pessoas que amamos... Pelo menos, é o que oiço dizer — respondeu Adrienne, empinando o peito e fingindo fazer beicinho.

Pitt considerou que ela continuava a ser uma mulher muito bonita, tendo em conta o ritmo exaustivo da sua vida nocturna. Não conseguiu evitar recordar o toque do seu corpo suave na última vez em que fizera amor com ela. Mas também se lembrou de que, por mais que se esforçasse e por mais apurada que fosse a sua técnica, nunca sequer tinha chegado perto de a satisfazer.

— Não é que eu pretenda mudar o tema da nossa conversa tão estimulante — disse —, mas hoje encontrei-me com o teu pai pela primeira vez.

Pitt tentou vislumbrar algum sinal de surpresa na sua cara atraente, mas não detectou nenhum e ela pareceu desinteressada.

— A sério? E o que é que o velho Lorde Nelson tinha para dizer?

— Para começar, não se importou com a forma como me apresentei vestido.

— Não fiques triste, que ele também não se importa com a forma como eu me visto.

Pitt sorveu um gole do uísque e olhou para ela por cima do rebordo do copo.

— No teu caso, não o recrimino. Nenhum homem gosta de ver a filha vestida como uma prostituta de segunda.

Adrienne ignorou o comentário, não se interessando minimamente pelo facto de o pai ter estado cara-a-cara com apenas um dos seus muitos amantes. Sentou-se no banco ao lado, meneando-se, e fitou-o, com um olhar de sedução ardendo-lhe nos olhos, cujo efeito era realçado pelo longo cabelo negro que lhe caía sobre um dos ombros. A sua pele brilhava como bronze polido à luz frouxa do bar.

— E se tomássemos a tal bebida? — sussurrou ela.

— Um brandy Alexander para a... senhora — pediu Pitt, acenando com a cabeça na direcção do empregado do bar.

— Não sabes que chamar «senhora» a uma mulher é uma coisa muito antiquada? — perguntou ela, franzindo a cara, depois sorrindo.

— É um velho hábito. Todos os homens procuram uma senhora como aquela que se casou com o paizinho.

— A minha mãe era uma seca — comentou Adrienne, com uma voz elaboradamente casual.

— E o teu pai?

— O meu pai era uma pessoa misteriosa. Nunca estava em casa; andava sempre atrás de alguma barca velha e malcheirosa ou de algum navio naufragado. Amava mais o oceano do que a própria família. Na noite em que eu nasci, ele andava a resgatar a tripulação de um petroleiro que se estava a afundar no meio do Pacífico. Na altura da cerimónia da minha formatura, na universidade, estava no mar, à procura de um avião que desaparecera. E quando a minha mãe morreu, o nosso almirante andava a cartografar icebergues, ao largo da Gronelândia, com uns tipos de cabelo comprido da Eaton School of Oceanography.

Os seus olhos desviaram-se apenas o suficiente para Pitt perceber que lhe tinha tocado no ponto fraco.

— Portanto, não vale a pena chorares por esta relação pai/filha. Eu e o almirante toleramo-nos mutuamente apenas por conveniência social.

Pitt olhou para ela.

— Já estás crescidinha, porque é que não saís de casa?

O barman trouxe a bebida e Adrienne sorveu-a.

— Não há nada melhor para uma mulher: estou sempre rodeada de machos atraentes de uniforme. Já viste as possibilidades? Milhares de homens, sem adversárias à vista?! Porque é que eu haveria de deixar o meu velho domínio e contentar-me com restos? Não... O senhor almirante precisa de manter a imagem de homem de família e eu preciso do papá para continuar a gozar das vantagens de ser filha de um almirante.

Dito isto, olhou para ele e fingiu uma expressão tímida e pudica.

— Vamos para o meu apartamento?

— Isso vai ter de ficar para outra altura, menina Hunter — disse uma voz delicada, vinda de trás de ambos. — O senhor comandante está à minha espera.

Adrienne e Pitt voltaram-se ao mesmo tempo. Era uma mulher... a mulher mais exótica que Pitt alguma vez vira. Tinha uns olhos de um cinzento que desafiava a realidade e o cabelo caía-lhe numa encantadora cascata ruiva, formando um contraste vibrante com o vestido justo de corte oriental — verde e preenchido na perfeição — que aderira ao seu corpo escultural.

Pitt percorreu a memória num ápice, mas de balde. Tinha a certeza de que nunca antes pousara os olhos naquela beleza. Ficou agradavelmente surpreendido ao sentir o coração bater quando se levantou do banco. Era a primeira mulher que lhe incendiava as emoções ao primeiro encontro desde que, no quinto ano, uma loira com olhos de Basset Hound o mordera no braço no recreio.

Adrienne foi a primeira a quebrar o embaraçoso silêncio.

— Desculpe, querida, mas como se diz no velho mercado imobiliário, está a invadir propriedade alheia. Eu vi-o primeiro.

Dir-se-ia que desfrutava daquela situação. Para ela, a intrusa era apenas um incómodo. Portanto, virou-lhe as costas e tornou a bebericar da bebida.

Os enormes olhos cinzentos nunca se desviaram de Adrienne.

— Menina Hunter, a sua má educação só é ultrapassada pela sua fama de pêga.

Adrienne estava demasiado relaxada para ceder um milímetro que fosse. Permaneceu imóvel e fitou o reflexo da outra mulher no espelho que se encontrava atrás do bar.

— Cinquenta dólares? — perguntou em voz alta, para que todos, num raio de nove metros, a conseguissem ouvir. — Tendo em conta a sua pose amadora e os seus talentos mais que medíocres, está a pedir muito acima do seu real valor!

Vários dos clientes que estavam sentados perto do bar seguiam com atenção aquele azedo esgrimir de argumentos. As mulheres franziam a testa, mas os homens sorriam e invejavam, em segredo, o macho mudo apanhado na «terra de ninguém» daquela guerra de mulheres. Pitt mostrava-se adequadamente intimidado. O facto de ver duas fêmeas espectaculares travando-se de razões para o possuírem era uma experiência nova e o seu ego inchou com o regozijo do momento.

— Posso falar consigo em privado, menina Hunter? — perguntou a mulher misteriosa do vestido verde.

— Porque não? — concordou Adrienne, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça.

Virou-se, deslizou do banco graciosamente e seguiu a estranha pelas portas que davam acesso à praia privada do hotel. Pitt fitou, extasiado, o par de ancas bem torneadas, enquanto estas se bambolevam num movimento fluido que sugeria duas bolas de praia apanhadas no mesmo redemoinho... pelo menos, foi o que lhe pareceu.

Suspirou e encostou-se, indolente, ao balcão, sentindo que todo o mundo era como uma aranha com o estômago cheio, olhando, apreensiva, para duas moscas esvoaçando em torno da teia e desejando que estas fossem cair noutro lado. Depois, apercebeu-se dos olhares descarados da sua audiência, sorriu e fez uma vénia, agradecendo a atenção contínua, antes de tornar a voltar-se para o balcão do bar.

Já tinha tido surpresas que bastassem para um só dia, admitiu, cansado, para si mesmo. Onde acabaria tudo aquilo? Respondendo à necessidade de reforçar a coragem, fez sinal ao barman e pediu mais um *Cutty Sark* com gelo — duplo, desta feita.

Vinte minutos volvidos, a mulher dos olhos cinzentos voltou e pôs-se discretamente atrás dele. Pitt estava tão absorvido com os seus pensamentos que demorou vários segundos a aperceber-se da sua presença. Quando levantou os olhos, viu o reflexo dela no espelho.

Os lábios da beldade moveram-se, formando o que poderia ser o esboço de um sorriso.

— Os despojos pertencem ao vencedor?

Foi uma pergunta hesitante.

A nódoa negra sob o seu olho direito começara a tornar-se púrpura e de um pequeno golpe no lábio inferior saíam algumas gotas de sangue, que lhe escorriam pelo queixo e caíam com precisão milimétrica no decote. Nunca aparecera em nenhum reclame televisivo a produtos de beleza, mas Pitt não deixava de pensar que aquela era a mulher mais desejável que já vira.

— E o que aconteceu à derrotada?

— Vai precisar de uma boa dose de maquilhagem durante alguns dias, mas parece-me que vai sobreviver.

Pitt retirou o lenço do bolso, enrolou-o numa pedra de gelo que tirou da bebida e encostou-o suavemente ao lábio dela.

— Pegue nisto e pressione contra a ferida para evitar que inche mais.

Ela forçou um sorriso lânguido e agradeceu com um aceno de cabeça. A audiência intrometida voltou, desta feita com olhares de través simultâneos que roçavam a infâmia. Pitt apressou-se a pagar ao bar-

man, pegou no braço da rapariga e arrastou-a para a praia, em frente ao bar. Pitt varreu a praia com o olhar, mas nem sinais de Adrienne.

— Importa-se de me explicar o que se passou?

Ela teve de desencostar o cubo de gelo para falar.

— Não é evidente? — perguntou, com um sorriso que lhe arrebitou os cantos dos lábios mas não lhe chegou aos olhos. — A menina Hunter recusou-se a ser razoável.

— As mulheres raramente o são.

Pitt olhou para ela, de uma forma algo vaga e especulativa, com a pergunta óbvia a atravessar-lhe a mente: porquê eu? Porque tinha ela lutado por um homem que nunca vira antes? E a pergunta fulcral: qual era o seu objectivo? Pitt não tinha ilusões... Nenhuma produtora alguma vez o contrataria para uma nova produção de *D. Juan*. Já tinha tido a sua quota-parte de mulheres, mas nunca antes sem os preliminares do costume: as pequenas mentiras astutas e os avanços graduais que o género feminino exige, sem saber porquê. Decidiu não aprofundar os motivos da sua acompanhante, preferindo deixar que o mistério realçasse a intriga e deixando-se levar pelo ouvido.

— Vamos dar um passeio pela praia? — perguntou.

— Estava à espera dessa sugestão.

Lançara-lhe «aquele» sorriso irresistível que o deixou à sua mercê, e Pitt percebeu que aquela espertalhona o tinha feito de propósito. Perspicaz, viu-o passear os olhos pelos seus seios, descendo depois até às pernas e tornando a subir devagar... muito devagar até ao ponto de partida.

Os seus seios eram surpreendentemente pequenos e firmes para as curvas acentuadas que abundavam no resto da silhueta. À luz do luar, e sob o brilho bruxuleante das tochas distribuídas em torno da esplanada do hotel, Pitt observou o ponto em que a carne dela, bronzeada e salpicada de sangue, mergulhava de forma convidativa no vestido como um mar revolto e acetinado. Mais abaixo, para lá desse ponto, a cintura afinava suavemente, desembocando num estômago firme, que, em seguida, explodia num par de ancas volumosas que pareciam querer libertar-se das costuras da sua prisão verde. Parecia ter sangue índio, mas o cabelo ruivo, ardente, que lhe chegava ao fundo das costas, desmentia-o.

— Se continuar a fitar-me, serei obrigada a cobrar bilhete.

Pitt fez um esforço corajoso para parecer algo embaraçado, mas não desistiu.

— Sempre pensei que as galerias de arte eram de entrada livre.

— Não, se estiver interessado em comprar alguma coisa — retorquiu ela, apertando-lhe o braço.

— Gosto de observar as obras de arte. Raramente compro.

— Então é um homem de princípios...

— Tenho alguns, mas não se aplicam às mulheres.

O perfume dela começava a dar-lhe a volta à cabeça; era uma fragrância que, de alguma forma, lhe parecia familiar, mas que ele não conseguia desenterrar da memória.

De repente, ela parou, apoiou-se nele e descalçou-se, enterrando os dedos dos pés na areia da praia de Waikiki. Caminharam em silêncio durante alguns minutos, com a brisa tropical quente a acariciar-lhes a pele. Ela apertou-lhe ainda mais o braço e encostou-se a ele enquanto avançavam. «Demasiado perto», pensou Pitt.

— Chamo-me Summer — murmurou-lhe ela, com os olhos brilhando sob a luz frouxa.

Pitt não disse nada, limitando-se a abraçá-la e a depositar-lhe um beijo suave nos lábios inchados. De repente, sirenes de alarme soaram na sua mente, como o alarme de um banco, mas o aviso chegou demasiado tarde: a dor já o invadia. O queixo descaiu-lhe e o arquejo que lhe nasceu no fundo da garganta rasgou o ar sereno quando Summer lhe deu uma joelhada nas partes baixas. Nunca viria a saber o que levava as células do seu cérebro a ordenarem aquela reacção instintiva: perturbado pelo choque, mal viu o seu punho disparar, num reflexo, e embater violentamente no lado direito do queixo de Summer. Como se estivesse a ver tudo numa imagem distorcida, através de um copo de água, Pitt viu-a cambalear por instantes, como que embriagada, e desabar em silêncio, num movimento lento, sobre a areia.

Os recursos secretos e insuspeitados de que as pessoas dispõem em momentos de desespero impediram Pitt de mergulhar no vazio da inconsciência. A dor que explodiu na parte de baixo do seu corpo fez com que sugasse ar em enormes arfadas e os seus olhos lacrimejassem, como se lhes tivessem atirado pimenta. Deixou-se cair lentamente sobre os joelhos ao lado do vulto inerte da rapariga, agarrando as partes baixas como se, por algum ritual animalesco, pudesse expulsar a dor.

Cerrou os dentes como um torno até lhe doerem os maxilares, re-tendo os gritos de dor. Fincou os joelhos na areia e balançou para trás e para diante, forçando-se a varrer a praia com o olhar para ver se alguém o descobrira curvado sobre uma rapariga inconsciente, com as mãos nas partes genitais. Pelo menos naquele momento ainda estava livre de problemas. Para além de uma roda de rapazes e de hóspedes do hotel cantando *Pearly Shells by the Seashore* em torno de uma pequena fogueira, a mais de cinquenta metros de distância, a praia encontrava-se vazia.

Decorreram quatro minutos... quatro minutos durante os quais o

tormento terrível se transformou, finalmente, numa dor mais suportável e palpitante; quatro minutos em que Pitt tentou planejar o que faria em seguida. Foi então que reparou num objecto brilhante que ela tinha na mão, uma coisa parecida com vidro que reflectia as chamas bruxuleantes das tochas de bambu. Rastejou até à rapariga, curvou-se sobre o seu vulto inerte e retirou cuidadosamente uma seringa hipodérmica das suas mãos moles.

Como era de prever, Pitt sentiu-se confuso. Àquela luz mortiça, Summer parecia uma criatura doce e suave, com não mais de vinte e cinco anos de idade e inocente. Porém, ao que parecia, a sua mente seguia caminhos sinistros. O que o salvara foram os seus reflexos rápidos, apanhando-a desprevenida com o golpe do seu punho antes de ela ter conseguido espetar-lhe a agulha no braço desprevenido. Ergueu a seringa e perguntou a si mesmo que líquido seria aquele. Em seguida, retirou a agulha e, com cuidado, guardou o tubo cheio no bolso da camisa. Depois, inclinou-se e ergueu a moça nos ombros, com dificuldade, levantando-se cambaleante. Ocorrera-lhe que ela talvez tivesse alguns «amigos» escondidos na sombra, portanto não ia ficar à espera que o «pelotão» lhe saísse ao caminho. O hotel ficava a uns bons três quarteirões de distância, o que não era propriamente perto, pensou — pelo menos nas condições deploráveis em que se encontrava. Por isso, à falta de opções, equilibrou a carga, equilibrou-se ele próprio e começou a caminhar, rígido, pela areia.

A única esperança que tinha de conseguir passar pela multidão de turistas que deambulavam pelos passeios à noite consistia em flanqueá-los pelo arvoredado cerrado dos jardins, mantendo-se na sombra e fora do alcance da iluminação das ruas. Tinha de evitar sobretudo algum polícia no giro ou algum bom samaritano de férias que se lembrasse de se armar em herói.

Se tivesse ido pelo passeio, teria sido uma caminhada fácil de cinco minutos, contudo demorou vinte a atravessar a selva das traseiras. Fez uma pausa escondido, pela quarta vez, para recuperar o fôlego e esperar que um grupo de pândegos embriagados desaparecesse de vista, cambaleando pela rua fora. Deliciou-se com a fragrância delicada que se desprendia do corpo de Summer. Reconheceu-a como sendo o odor da pluméria, uma planta não rara no arquipélago do Havai, mas era a primeira vez que Pitt identificava aquela fragrância numa mulher.

O hotel em que estava hospedado estava agora do outro lado da rua, com as luzes da recepção convidando a entrar, com a promessa do conforto uterino do clarão de um aeroporto. À primeira interrupção no tráfego, Pitt saiu do esconderijo e percorreu aquela distância em

corrida, com a cara contorcida pela dor na zona genital e os pulmões torturados por ter tido de carregar um peso morto numa corrida de obstáculos de cerca de quatrocentos metros, às escuras. Contornou rapidamente os carros estacionados junto ao passeio, dirigiu-se à entrada do edifício e deu uma olhadela cautelosa à área da recepção. A sorte abandonou-o por momentos: uma empregada da limpeza — uma enorme havaiana de pele escura que, no entender de Pitt, gritaria imediatamente pela polícia — aspirava a tapete que se encontrava do lado de fora dos ascensores. Dobrou a esquina e desceu a rampa que levava à garagem subterrânea a passo acelerado. À excepção do brilho dos carros que se encontravam estacionados ao longo do interior de cimento, iluminado por uma luz fraca, a garagem encontrava-se vazia. Pitt encontrou um elevador aberto, entrou, carregou no botão e debruçou-se, arfando, sobre o grosso corrimão que percorria as paredes, que pareciam de um armário.

Pitt era agora uma massa húmida de suor. A combinação do esforço e da humidade tinha-o deixado a uma unha negra da exaustão total. Só uma espécie de força interior ainda o fazia funcionar como uma máquina e lhe tinha permitido chegar até ali. No elevador, vergado sob o peso de Summer, conseguiu uma espécie de descanso, recuperando o fôlego durante a viagem que se iniciara na garagem da cave. O ascensor produzia um ruído monótono e cooperou não abrindo as portas em nenhum andar senão aquele que Pitt tinha escolhido.

A luz do painel piscou o número dez e Pitt atravessou as portas ainda antes de estas acabarem de se abrir totalmente. A sorte ainda não o tinha abandonado, pois o corredor encontrava-se vazio em ambas as direcções. Rebuscando, atrapalhado, o bolso direito das calças, conseguiu, por fim, retirar uma chave e introduzi-la na fechadura da porta de pau-rosa trabalhada, assinalada com o número 1010.

Uma suite faustosamente decorada era um luxo que Pitt dificilmente conseguia pagar com o seu salário, mas justificava aquela situação com a desculpa de que eram as suas primeiras férias em três anos e mereci-as.

Entrou no quarto e despejou Summer sem cerimónias em cima da cama. Em outras circunstâncias, ao olhar para uma mulher que cheirava tão bem e parecia tão delicada e suave — e totalmente à sua mercê — teria sentido uma vaga de desejo, mas não naquela noite. Sentia-se esgotado mental, emocional e fisicamente. O dia começara e terminara como uma maratona esgotante e já não lhe sobravam forças. Deixou Summer mergulhada no seu abençoado estado de inconsciência e entrou na casa de banho, onde se despiu e tomou um duche.

Nada daquilo fazia sentido. Porque teria uma perfeita estranha tentado matá-lo? A sua única beneficiária era a sua pequena e envelhecida mãe e, a menos que a idosa senhora tivesse abandonado os chás de caridade e o estendal da roupa para se juntar à máfia, não teria motivos para o tentar matar. Além disso — pensou, sorrindo para si mesmo perante aquela fantasia —, que provas tinha de que a seringa continha veneno?

Seria alguma droga? Era uma possibilidade quase credível. Ainda assim, porquê? Tanto quanto sabia, não tinha consigo códigos militares, segredos relativos a bombas nucleares ou à localização de mísseis nucleares secretos ou planos sinistros para a destruição do mundo. A sua mente tornou a desviar-se para a beleza incrível de Summer. Abriu um pouco mais a torneira da água fria e ficou ali a entreter a mente com os exóticos atractivos da outra metade da espécie humana. Por fim, obrigou-se a voltar à realidade do momento, fechou a torneira e saiu do polibã. Cobriu os ombros largos com um roupão e voltou ao quarto, colocando um pano húmido sobre a testa da rapariga e notando, com uma ponta de prazer sádico, que, na manhã seguinte, ela acordaria com uma boa nódoa negra no maxilar.

Abanou-lhe os ombros com alguma força. Devagar, relutantes, sem quererem desistir da satisfação da inconsciência e murmurando alguma coisa incoerente num tom suave, com os lábios inchados, os seus grandes olhos cinzentos começaram a abrir-se. O facto de acordar num local desconhecido assustaria qualquer mulher, mas não ela. Summer era dura e Pitt quase viu os circuitos da sua mente começarem a trabalhar de repente. Os olhos dela varreram todo o quarto, captando primeiro Pitt, depois a porta, a varanda, e novamente Pitt. Olhou-o com um ar casual... demasiado casual para ser genuíno. Depois, levou a mão suavemente ao queixo, estremecendo ao toque.

— Bateu-me?! — era mais uma pergunta do que uma constatação.

— Sim — sorriu ele, com um ar endiabrado. — E agora que a tenho no meu covil, acho que a vou violar.

— Não se atreveria...?!

Finalmente, os seus olhos abriram-se de todo.

— Como é que sabe que não o fiz já?

Summer quase acreditou. A sua mão começou a deslizar pelo baixo-ventre, parando de repente. A compreensão total da situação e as primeiras tentativas de discernimento começaram a desenharem-se-lhe na cara.

— Não é assim tão perverso.

— E quem disse que era?

— Disseram-me... — começou ela, evitando o olhar dele.

— Devia ter mais cuidado — disse Pitt, em tom de censura. — Acreditar em velhos rumores maldosos e andar pela praia de Waikiki a espetar seringas em homens indefesos pode trazer-lhe uma data de problemas!

Summer olhou para ele durante alguns segundos. Os seus lábios mexeram-se como se se preparassem para responder, mas a incerteza cresceu naqueles olhos fantásticos.

— Não percebo o que quer dizer com isso.

— Não interessa — retorquiu Pitt, virando-lhe as costas e agarando no telefone. — A polícia que descubra o seu jogo. É para isso que a maior parte dos cidadãos honestos como eu lhes pagam.

— Isso seria um erro! — exclamou ela, num tom repentinamente frio. — Eu digo-lhes que me violou e mostro-lhes estas marcas na cara! Em quem acha que eles vão acreditar... em si ou em mim?

Pitt levantou o auscultador e começou a carregar nas teclas numeradas.

— Não há dúvida nenhuma de que acreditarão em si... pelo menos até Adrienne Hunter testemunhar a meu favor. Talvez ela também tenha algumas marcas no corpo...

Pitt estava embrenhado no que era, para ele, uma inspiração. A voz que lhe respondeu do outro lado da linha rendeu-se ao fim do quinto «Está lá?» e desligou.

— Está sim? Gostaria de apresentar queixa por agressão... — começou Pitt, ao ouvir o sinal de linha livre...

Foi o mais que conseguiu dizer antes de ela saltar da cama e empurrar o auscultador para baixo mais depressa do que um felino treinado.

— Por favor, o senhor não está a compreender!

O seu tom era grave e desesperado.

— Esse deve ser o eufemismo da noite! — exclamou Pitt, irritado. — É só colocar uma mulher perante uma situação assustadora e salta-lhe logo uma de duas frases: «Pare, está a aleijar-me!» ou «Não está a perceber...». Portanto, nem sequer está a ser criativa.

Agarrou-a pelos ombros, apertando-as mais do que pensava e lançando-lhe um olhar inexpressivo, com os olhos abertos a poucos centímetros das suas pupilas dilatadas.

— A menina dá joelhadas nas «bolas» dos homens, espetá-lhes seringas nas costas e, quando as coisas lhe correm mal, comporta-se como se fosse a inocência em pessoa! Em que é que anda metida?!

Ela começou a debater-se, mas relaxou quase imediatamente.

— Seu gangster! — exclamou, num sussurro selvagem.

A expressão obsoleta apanhou Pitt desprevenido. Começou a aliviar o apertão lentamente e afastou-se.

— Exactamente! Sou um dos grandes torpedos de Al Capone, acabadinho de sair do barco de Chicago!

— Quem me dera que eu...

Ela afastou-se de repente, cruzou os braços e massajou os vermelhões nos ombros.

— O senhor é um monstro!

Aquilo não provocou qualquer reacção de raiva em Pitt, apenas uma ponta de remorso ao observar as manchas vermelhas deixadas pelos seus dedos quando lhe apertaram a carne como tenazes.

Produziu-se um longo silêncio, quebrado por Summer.

— Eu digo-lhe o que o senhor quer saber.

Não se podia dizer que o seu tom de voz tinha propriamente endurecido, mas não havia qualquer suavidade no seu olhar.

— Mas primeiro levar-me à casa de banho. Sinto-me... Acho que vou vomitar.

— Claro...

Aquilo era demasiado simples, pensou Pitt. Aquela mulher não parecia ser do tipo que vomitava.

Pitt estendeu-lhe a mão e agarrou-a pelo pulso, sentindo-lhe os músculos a retesarem-se sob o seu aperto firme. De repente, ela fincou um pé na estrutura da cama e projectou o corpo esguio para diante, aplicando um golpe de ombro no estômago dele. Aquilo fê-lo desequilibrar-se e cair para trás, sobre uma cadeira, estatelando-se no chão e arrastando consigo o candeeiro da mesa-de-cabeceira. Pitt mal tinha caído na alcatifa quando Summer abriu, de repente, a porta de correr e desapareceu pela varanda.

Pitt não fez o menor esforço para se levantar, mantendo-se deitado e relaxando numa posição mais confortável no chão. Passaram dez segundos, depois outros tantos. Deixou de conseguir conter-se e soltou uma gargalhada.

— A próxima vez em que quiser atirar-se de uma varanda de um décimo andar, é melhor levar um pára-quedas!

Ela tornou a entrar lentamente no quarto, com a cara lívida de raiva.

— Há um palavrão que lhe assenta como uma luva!

— Vêm-me à cabeça pelo menos uma dúzia deles — respondeu Pitt, com um sorriso cortês.

Summer afastou-se para o lado oposto do quarto, afastando-se dele o mais que o quarto lhe permitia e sentou-se numa cadeira, explorando-lhe o olhar.

— O que acontecerá se eu responder às suas perguntas?

— Nada — respondeu Pitt, com um ar tranquilo. — Quando me contar uma história que eu consiga engolir sem dificuldade, terá toda a liberdade para se ir embora.

— Não acredito em si!

— Minha querida menina, eu não sou o Estrangulador de Boston nem Jack, o Estripador, e asseguro-lhe que não tenho hábito de raptar virgens inocentes da praia de Waikiki.

— Eu sou, sabe? — disse ela, remexendo-se nervosa.

— É o quê? — indagou Pitt, confuso.

— Virgem.

Pitt acreditou nela, mas confundiu-o totalmente o motivo que a levava a admitir, de repente, uma virtude tão pessoal. A pouca auto-estima que lhe restava começou a esvaír-se para debaixo do tapete.

— Por favor... — implorou ela, num tom suave. — Não sou o que o senhor pensa — prosseguiu, começando a tremer, embora o olhar se mantivesse firme. — Não era minha intenção fazer-lhe mal. Trabalho para o meu departamento governamental, tal como o senhor trabalha para o seu, e o senhor dispõe de informação que me mandaram obter. O conteúdo da seringa era uma simples solução de escopolamina.

— O «soro da verdade»?

— Sim. Sabe, a sua reputação junto das mulheres fez de si um dos suspeitos principais...

— O que está a dizer não faz sentido.

— A Marinha dos Estados Unidos — ou o seu departamento de informações secretas — tem motivos para acreditar que um dos amantes da menina Hunter anda a tentar obter informações secretas sobre as operações desenvolvidas pela frota comandada pelo seu pai. É só isto.

Não era apenas aquilo. Na verdade, havia muito mais a contar sobre aquela história do que aquilo que Summer tinha dito. Pitt não tinha qualquer dúvida de que ela estava a mentir. Sendo o sacana desconfiado e calculista que era, também tinha a certeza de que aquela mulher estava a tentar ganhar tempo. A única informação secreta de que Adrienne Hunter dispunha era a classificação que ela atribuía às colheitas presente e futura de almirantes na sua escala pessoal do sexo.

Pitt levantou-se do chão e pôs-se diante dela. Summer viu o brilho brutal nos olhos dele e ficou visivelmente tensa, com a expressão de um cachorrinho que acabou de desfazer um par de pantufas do dono.

Apesar de confuso e irritado, Pitt deu por si sentindo também uma certa e estranha compaixão para com a jovem. Olhou para aquele

cabelo de um ruivo flamejante e em desalinho e para as mãos esguias, descontraídas sobre um regaço convidativo.

— Lamento que isto tenha acabado assim... — disse — lamento mesmo! A menina é a primeira mulher que alguma vez me transtornou desta forma.

Caramba, ele nunca tinha dito aquilo a nenhuma mulher! E sentiu-se como um tolo.

— É pena que a menina tenha estragado uma coisa boa. Mas a menina não trabalha para os serviços secretos da Armada, minha querida. A menina nem sequer é americana de gema! Caramba, neste país já ninguém usa o termo *gangster* desde os anos trinta! Também falhou na prova dos agentes secretos. Nenhum agente secreto profissional teria caído na balela do telefonema falso para a polícia, mas a menina caiu! Além disso, a Armada não tem o hábito de permitir que as suas agentes se metam no meio de bandidos sem o apoio de um pelotão armado até aos dentes, à distância de um grito. A menina também não traz bolsa, pelo que não tem um aparelho de localização que permita alertar a equipa de apoio quando as coisas dão para o torto.

O tratamento de choque estava a resultar demasiado bem. Ela ficou lívida e pareceu realmente indisposta.

— E se pensa que eu sou tão ingénuo e virgem como a menina — prosseguiu Pitt —, está redondamente enganada. Quando a trouxe da praia para aqui, revistei-a desde as unhas dos pés, que trás pintadas, até à cabeça, e a única coisa que tem sob o seu vestido é o minúsculo coldre da seringa, colado à parte interna da sua coxa esquerda.

Os olhos de Summer apresentavam-se agora vidrados de agonia. Pitt não se lembrava da última vez em que uma mulher o olhara daquela forma. Ela voltou-se e olhou para a casa de banho, como se estivesse a decidir se havia de vomitar no lavatório ou no tapete. O feliz contemplado foi o lavatório. Levantou-se da cadeira, cambaleante, e dirigiu-se àquela divisão, fechando a porta com força.

Pouco depois, Pitt ouviu o som da água a ser descarregada, quando o autoclismo foi accionado, e, em seguida, a torneira do lavatório. Inclinou-se contra a porta corredeira da varanda, admirou as luzes intermitentes de Honolulu ao longe e ouviu, muito abaixo de si, o rebenatar monótono das ondas oceânicas na praia, como o fluir infundável do tráfego numa auto-estrada de Los Angeles. Ficou ali, perdido nos seus pensamentos, deambulando pela varanda por um instante talvez demasiado longo.

Por fim, um pressentimento puxou-o de novo para a realidade, um pressentimento que lhe dizia que a água da casa de banho tinha estado

a correr a um ritmo que não variava, a um ritmo demasiado constante, demasiado prolongado para uma utilização normal. Bastaram-lhe três passos para chegar à porta, que estava trancada por dentro. Não havia tempo para uma tirada teatral do estilo «Está aí?». Equilibrou-se numa perna e deu um valente pontapé na fechadura com a outra, atirando violentamente com a porta contra o batente. Encontrou a divisão vazia.

Summer tinha fugido. O único vestígio que deixara fora uma corda de toalhas presa ao suporte do cortinado do duche, a qual passava para o outro lado do parapeito da janela. Pitt chegou-se ao fundo da parede coberta de azulejos que rodeava aquele cubículo e espreitou, ansioso, pela janela. A ponta da última toalha encontrava-se a uma distância de cerca de um metro da *chaise-longue* que se via na varanda do quarto abaixo do seu. Não via luzes acesas nem ouvia pedidos de socorro dos ocupantes. Ela tinha escapado em segurança e isso aliviou-o.

Permaneceu ali, recordando a cara dela, uma cara que ele imaginou capaz de revelar compaixão, ternura e alegria quando não espelhava o medo e a premeditação. Aquela cara correspondia à sua imagem subconsciente da *tal rapariga*, da mulher com quem poderia passar o resto da vida.

Depois, amaldiçoou-se por a ter deixado fugir.



## 4.

TINHA AMANHECIDO E UMA CHUVA LIGEIRA CAÍRA, INTERMITENTE, DURANTE a noite, deixando para trás rastros ténues de vapor que formavam espirais sobre as ruas. A humidade teria sido sufocante se não fossem os ventos alísios, que aliviaram a atmosfera carregada e a dispersaram sobre o oceano azul, para lá dos recifes circundantes. A extensão arenosa de praia que serpenteava entre Diamond Head e o Reef Hotel encontrava-se vazia, mas os turistas começavam já a sair dos grandes hotéis de cimento e vidro para iniciarem um dia de visitas turísticas e compras.

Nu e atravessado nos lençóis empapados de suor, Pitt fitava, através da janela aberta, um par de estorninhos que lutavam pela posse de uma fêmea desinteressada, empoleirada numa palmeira vizinha. Via-se uma profusão de penas no ar enquanto os pássaros trocavam sons ameaçadores, provocando uma barulheira audível a quase um quarteirão de distância. Quando aquela rixa em miniatura estava a chegar ao fim, soou a campainha da porta. Relutante, Pitt vestiu um robe de veludo, aproximou-se da porta bocejando e abriu-a.

— Bom dia, Dirk.

À porta, encontrava-se um homem de estatura baixa e cabelo ruivo, sorrindo-lhe com uma cara que se projectava uns bons vinte e cinco centímetros para diante.

— Espero não estar a interromper algum interlúdio amoroso...

— Não, estou sozinho. Entre — convidou Pitt, estendendo a mão.

O homenzinho passou o limiar da porta, olhou, descontraído, para todo o quarto e saiu para a varanda, admirando a vista esplêndida. Envergava um fato ligeiro e um colete castanhos-claros, completados com um relógio de bolso e a respectiva corrente. Tinha uma barba bem aparada, como as barbas ruivas dos baleeiros, com duas linhas brancas equidistantes, uma de cada lado do queixo. A sua barba era, no mínimo, bastante invulgar. A sua cara cor-de-azeitona apresentava-se coberta por uma película de suor que tanto podia ter resultado da humidade como do facto de ter subido as escadas, ou de ambas as coisas. Para aquele homem, os elevadores eram para os deficientes físicos. Enquanto a maior parte das pessoas pautavam as suas vidas pela lei do menor esforço, o almirante James Sandecker, director-geral da Agência Nacional para os Assuntos do Mar e Subaquáticos, ultrapassava todas as barreiras, todos os obstáculos para seguir os caminhos mais directos.

— Como, diabo, consegue dormir com o raio destes corvos crocitando aos seus ouvidos? — perguntou Sandecker, voltando-se e fazendo um aceno de cabeça por cima do ombro.

— Felizmente só começam a esvoaçar como loucos depois do nascer do sol — respondeu Pitt, fazendo-lhe sinal para se sentar no sofá. — Ponha-se à vontade, senhor almirante, enquanto eu vou preparar o café.

— Deixe lá o café. Há nove horas atrás, eu estava em Washington. A diferença de fusos horários deu-me cabo do corpo. Prefiro uma bebida alcoólica.

Pitt retirou uma garrafa de uísque escocês de um armário e encheu o copo. Quando olhou de relance para o outro lado do quarto, o seu olhar cruzou-se com os olhos azuis pestanejantes de Sandecker. Aqueles olhos estavam a observá-lo. O que viria aí? O director de uma das agências nacionais mais prestigiadas do país não se disporia a percorrer seis mil milhas de avião só para falar de pássaros com o seu Director para os Projectos Especiais. Passou o copo a Sandecker.

Não valia a pena adiar mais a questão, pensou Pitt. Mais valia mergulhar de cabeça.

— O que o trás por cá? Pensei que estava ocupadíssimo com os planos relativos à nova expedição para estudar as correntes submarinas em águas profundas.

— Não faz mesmo ideia do motivo da minha vinda aqui?

O seu tom era tranquilo e cínico, justamente o tom que sempre fazia com que Pitt assumisse, involuntariamente, uma atitude submissa.

— Por causa de o senhor ter metido o nariz onde não era cha-

mado, tive de viajar especialmente para o tirar de uma trapalhada e o meter noutra.

— Não estou a perceber.

— Esse é um talento seu que eu conheço muito bem — comentou o almirante, com um ligeiro sorriso irónico. — Parece que se meteu num ninho de vespas quando apareceu com a cápsula de comunicação do *Starbuck*. Sem o saber, desencadeou um tremor de terra no Pentágono que foi sentido na Califórnia! Isso também o transformou no herói do Estado-Maior da Armada. Para aquele pessoal, eu não passo de uma amarra solta na reforma. Portanto, não me desvendaram nada. O Conselho de Chefes de Estado-Maior limitou-se a pedir-me — com toda a cortesia, devo acrescentar — que me deslocasse ao Havai com carácter de urgência, o colocasse ao corrente da sua nova missão e tratasse de tudo para que o senhor pudesse colaborar com a Armada.

— Quem é que está por detrás disto? — indagou Pitt, afixando o olhar.

— O almirante Leigh Hunter, da 101ª Esquadra de Resgate.

— Está a falar a sério?

— Requisitou-o pessoalmente.

— Isto é uma loucura! — exclamou Pitt, abanando furiosamente a cabeça. — O que é que me impede de recusar?

— O senhor obriga-me a recordar-lhe — disse Sandecker pausadamente — que, apesar do seu estatuto na NUMA, ainda consta nas listas de militares no activo como o posto de Major da Força Aérea. Como muito bem sabe, o Conselho de Chefes de Estado-Maior não costuma encarar com agrado os actos de insubordinação...

O olhar de Pitt cravou-se no de Sandecker carregado de ressentimento.

— Isto não vai resultar.

— Vai sim senhor! — O senhor é um dos melhores engenheiros navais deste país, o melhor de que eu disponho. Já me encontrei com o almirante Hunter e não poupei os elogios.

— Mas há outros problemas que ainda não foram levados em consideração — disse Pitt, sem grande convicção.

— Está a referir-se ao facto de ter andado a dormir com a filha do almirante Hunter?

Pitt ficou rígido.

— Sabe o que é que essa observação faz de si, senhor almirante?

— Um velho sacana, astuto e desleal — admitiu Sandecker, num tom sofisticado de satisfação. — Na verdade, este assunto tem muito mais o que se lhe diga do que o senhor se deu ao trabalho de notar.

— O seu tom é bastante sinistro, senhor almirante — retorquiu Pitt, pouco impressionado.

— É de propósito — respondeu Sandecker, com um ar sério. O senhor não vai colaborar com a Armada para aprender uma profissão nova. Servirá de elo de ligação entre o almirante Hunter e eu próprio. Até esta missão terminar, estaremos envolvidos nela até à ponta dos cabelos. Foi ordenado à NUMA que apoiasse a marinha com qualquer dado oceanográfico que nos fosse pedido.

— E quanto ao equipamento?

— Se o pedirem...

— Não vai ser pêra doce encontrar um submarino que desapareceu há seis meses.

— O *Starbuck* é apenas uma parte da missão — informou Sandecker. — O Estado-Maior da Armada compilou trinta e oito casos documentados de navios que, ao longo dos últimos trinta anos, desapareceram numa área circular a norte do arquipélago do Havai, e a Armada quer saber porquê!

— Há navios que desaparecem no Atlântico e no Índico também. Não é um acontecimento assim tão invulgar.

— É verdade, mas, em circunstâncias normais, os naufrágios deixam pistas: destroços, manchas de óleo, até cadáveres. Além disso, os destroços costumam dar à costa, fornecendo pistas sobre o destino dos navios naufragados. Contudo, nunca apareceram destroços dos navios que têm desaparecido no Vórtice do Havai.

— O Vórtice do Havai?

— É esse o nome que os marinheiros dos sindicatos marítimos lhe deram. Não há marinheiro que se aliste num navio cuja rota passe por essa área.

— Trinta e oito navios... — disse Pitt, pensativo. A curiosidade começava realmente a atraí-lo — E os contactos via rádio? Era preciso que um navio se afundasse literalmente em segundos para não ter tempo de transmitir um sinal de SOS!

— Nunca foi recebido qualquer pedido de socorro.

Pitt nada disse e Sandecker limitou-se a sorver o seu uísque sentado no sofá, sem fazer mais comentários. Como se estivessem à espera, os estorninhos recomeçaram a sua cantoria ruidosa, quebrando o curto silêncio. Pitt afastou-os da mente e fitou o chão, como se fosse um exterminador à procura de vestígios de térmites. Tinha centenas de perguntas às voltas na cabeça, mas o dia ainda mal tinha começado e era demasiado cedo para elaborar teorias sobre desaparecimentos misteriosos de navios.

— Portanto, trinta e sete navios jamais voltarão ao porto — acabou por dizer Pitt, quando o silêncio já durava há algum tempo. — Isso deixa-nos o *Starbuck*, o trigésimo oitavo. Através da cápsula, a Armada ficou a saber da sua posição exacta. De que é que estão à espera? Se localizarem os destroços, não vai ser preciso nenhum milagre para os navios de resgate o içarem de uma profundidade de trinta braças!

— A coisa não é assim tão simples...

— Porque não? Afinal, a Armada resgatou o submarino F-4, que se encontrava a uma profundidade de sessenta braças aqui mesmo, em Oahu, à entrada de Pearl Harbor! E isto foi em 1915!

— Os almirantes de água doce, que, hoje em dia, pensam através de computadores, não estão convencidos de que a mensagem que você encontrou seja genuína. E vão continuar desconfiados até terem analisado a caligrafia ao pormenor.

Pitt suspirou.

— Acham que o parvo que se deu ao trabalho de lhes levar a cápsula está a tentar intrujá-los!

— É uma coisa desse género...

— Pelo menos, isso explica a minha transferência — observou Pitt, retendo uma gargalhada. — O almirante Hunter quer manter-me debaixo de olho!

— Você cometeu o erro de ler a mensagem da cápsula, e isso, só por si, faz com que deixe de ser um elemento inocente para passar a ser considerado «material ultra-secreto». Além disso, a 101ª Esquadra pretende requisitar o nosso novo helicóptero FXH de longo curso e nenhum dos pilotos da Armada foi treinado para o pilotar, mas você foi. E se alguma nação inimiga lhe conseguir deitar a mão para tentar localizar e resgatar o mais recente e avançado submarino nuclear do «Tio Sam» antes de nós, quem chegar primeiro fica com os destroços. É assim, em águas internacionais, e você constitui um alvo primordial para eventuais tentativas de rapto levadas a cabo por agentes secretos dessas nações operando nestas ilhas. Depois, poderiam arrancar-lhe a posição do *Starbuck*.

— É sempre bom uma pessoa ser conhecida e adorada — comentou Pitt, maquinalmente. — Mas está a esquecer-se de que não sou a única pessoa a par da «última morada» do *Starbuck*.

— É verdade, mas você é o alvo mais fácil. O almirante Hunter e o seu pessoal estão em segurança, em Pearl Harbor, trabalhando vinte e quatro horas por dia na tentativa de resolverem este puzzle.

O almirante fez uma pausa, meteu um charuto enorme na boca, acendeu-o e fumou, pensativo.

— Conhecendo-o como o conheço, meu rapaz, os agentes inimigos não precisariam de recorrer à força bruta, bastando-lhes enviar a sua Mata Hari mais sedutora ao bar mais próximo e deixá-lo engatá-la.

Sandecker não pôde deixar de reparar na expressão de dor repentina que se apoderou da cara de Pitt, mas ignorou-a e prosseguiu.

— Para sua informação, posso acrescentar que a 101ª Esquadra é uma das melhores unidades de resgates secretos do mundo.

— Resgates secretos?

— Falar consigo é como tentar segurar um recife — comentou Sandecker, indulgente. — O almirante Hunter e os seus homens resgataram um bombardeiro inglês do fundo do mar a meras dez milhas da costa de Cuba, mesmo nas barbas de Castro. Depois, resgataram o *New Century*, ao largo da Líbia, o *Southwind* no Mar Negro e o *Tari Maru* sob as luzes da costa chinesa. Em todos estes casos, a 101ª resgatou os navios antes mesmo de as nações em cujas águas naufragaram saberem que eles andavam à procura dos destroços. Não subestime o almirante Hunter e a sua equipa de «arrebanhadores de destroços»! Olhe que não ficam atrás de ninguém!

— Para quê toda esta história em torno do *Starbuck*? — perguntou Pitt.

— Para começar, a última posição transmitida por Dupree é impossível. O *Starbuck* só poderia estar onde a mensagem do seu comandante diz que está se aquele submarino voasse. Ora, esse é um feito que os arquitectos navais ainda não alcançaram. De qualquer forma, com dez mil toneladas de aço, tal é impossível.

— Mas o submarino tem de lá estar — disse Pitt, fitando Sandecker. — Os sistemas de detecção submarina estão muito mais avançados actualmente, e não é possível que o *Starbuck* permaneça perdido ou que uma busca maciça não traga quaisquer resultados.

Sandecker ergueu o copo vazio e fitou-o.

— Enquanto houver mar, navios e homens, continuarão a existir mistérios estranhos por resolver, e o *Starbuck* é apenas mais uma de milhares de tragédias estranhas que, desde há centenas de anos, assombram os homens do mar.

Instalou-se um silêncio breve e tenso e Pitt interrompeu o olhar absorto de Sandecker.

— Mais uma bebida?

— Não, obrigado — agradeceu o almirante, levantando-se do sofá. — Tenho um avião à espera em Hickam Field para me levar de volta a Washington. Deixo-o com uma noção do problema, por mais vaga que possa ser. Apresente-se ao almirante Hunter às 09:00.

Entregou o copo vazio a Pitt, que o pousou logo.

— Ah, é verdade, tomei medidas no sentido de o seu adjunto se juntar a si.

— O Al Giordino?!

— Sim. Vou tirá-lo do Projecto Lorelei de Estudo das Correntes Marítimas, até esta coisa do Vórtice do Havai estar esclarecida.

— É a única boa notícia que me trouxe!

— Outra coisa: não chateie as altas patentes da Armada mais do que o estritamente necessário.

— Parece-me que o almirante Hunter andou a fazer queixinhas de mim...

Sandecker sorriu.

— Digamos que a sua observação relativa à conduta dos oficiais da Armada incluía um «*para V. Exa., atentamente*».

— Não no sentido literal — disse Pitt, contornando a questão —, visto que o senhor almirante está reformado.

As sobranceiras farfalhudas aproximaram-se da cabeleira ruiva.

— Tenha o cuidado de manter esse grau de diplomacia com o almirante Hunter. É que não tenho tempo para questiúnculas pessoais.

Pitt abanou a cabeça, cansado, e murmurou:

— Este é um daqueles momentos em que eu desejaria ter escolhido uma actividade mais simples... como podar árvores.

— Não é o único... — acrescentou Sandecker, exibindo uma fugaz expressão de triunfo. — Também eu já desejei a mesma coisa mil vezes.

— Boa! — exclamou Pitt, rindo.

Apesar da diferença etária de trinta anos e das trocas constantes de remos sarcásticos, a amizade próxima e sincera entre ambos era visível.

— É melhor eu ir andando — concluiu Sandecker, lançando um olhar de relance ao relógio.

O sorriso desapareceu e a sua cara enrugada revelou apenas uma expressão genuína de preocupação.

— Não faço a menor ideia de como é que esta confusão vai acabar, mas desejo-lhe toda a sorte do mundo.

— Obrigado, meu velho amigo — agradeceu Pitt, apertando a mão ao almirante. — Faça uma boa viagem.

— Ah, já me ia esquecendo: o seu pai manda dizer-lhe que escreva mais vezes.

— Como está o velhote?

— Continua a meter o Congresso e a Casa Branca no inferno.

— Bem me parecia! — comentou Pitt, abrindo a porta e apertando de novo a mão ao general. — Adeus.

— Cuide-se.

Pitt fechou a porta assim que o almirante saiu, permaneceu no *hall* de entrada por mais alguns momentos e perguntou a si mesmo, distraído, porque é que ainda ninguém se tinha lembrado de que, afinal, talvez o *Starbuck* não tivesse naufragado.

## 5.

PITT METEU-SE NO DUCHE COM A ÁGUA A ESCALDAR PARA LHE ABRIR OS poros, terminando com uma valente descarga de água fria. Saiu do polibã, secou o corpo e fez a barba com toda a calma. Não tinha a menor intenção de chegar a horas ao quartel-general do almirante Hunter. «Não posso começar a habituar mal aquele sacana logo no primeiro dia de trabalho», pensou, lançando um sorriso sarcástico ao espelho.

Escolheu um fato branco e uma camisa cor-de-rosa. Enquanto se dedicava à tarefa masculina de fazer o nó da gravata, ocorreu-lhe que talvez não fosse má ideia levar uma pequena protecção. Summer falhara a sua missão, mas, numa próxima vez, talvez os seus empregadores decidissem enviar a equipa principal, e Pitt começou a ver as hipóteses de chegar a velho diminuírem a cada hora que passava. Não lhe apetecia entrar num «mano-a-mano» de mãos vazias com agentes secretos profissionais e altamente treinados.

A Mauser Modelo 712 *Schnell Feuer Pistole*, com o Número de Série 47405, só podia ser descrita como «uma arma de fogo grotesca». Cada arma de fogo ligeira tem a sua própria «imagem de marca» e, à primeira vista, algumas parecem relativamente inofensivas, outras brutais, outras ainda frias e eficientes e, algumas, sedentas de sangue. A que Pitt retirou da mala de viagem parecia absolutamente sedenta de sangue. Era uma arma única, não só na aparência como também no facto de possuir a faculdade notável de disparar uma bala de cada vez ou de, premindo um botão, disparar uma rajada como uma autêntica

metralhadora. Foram produzidos muito poucos exemplares, se comparamos com a versão mais conhecida — a *Military Pistole*, de dez tiros —, e, em todo o mundo, apenas uma mão cheia de colecionadores se podem gabar de possuírem, nas suas colecções, um exemplar desta arma. É a arma perfeita para provocar terror a qualquer infeliz que dê por si a olhar, indefeso, para o lado errado do seu cano.

Pitt atirou, descontraído, a arma para cima da cama e tornou a rebuscar a mala, encontrando um carregador de madeira para usar a tiracolo, o qual também servia de coldre. A ponta estreita do coldre tinha uma armação de metal que deslizava numa ranhura aberta na pega em forma de cabo de vassoura, permitindo transformar a pistola numa carabina com capacidade para abater alvos a longas distâncias. Também era importante o utilizador conhecer esta característica da arma quando a utilizava em modo totalmente automático. Pitt enfiou, então, a pistola no coldre e embrulhou aquela máquina de matar brutal numa toalha de praia, juntamente com um carregador de cinquenta balas.

O elevador parou várias vezes antes de chegar ao rés-do-chão. Ao contrário do que sucedera na noite anterior, parou obedientemente em vários andares, até esgotar a sua capacidade. Pitt perguntou a si mesmo o que pensariam as pessoas que o acompanhavam no ascensor se soubessem o que levava embrulhado na toalha. Depois de a turbamulta se acotovelar para sair no rés-do-chão, Pitt deixou-se ficar e premiu o botão «B», o que o levou à garagem subterrânea. Aí chegado, destrancou o AC Cobra, atirou a Mauser para o reduzido espaço atrás do banco do condutor e sentou-se ao volante.

Depois de subir a rampa da garagem devagar, juntou-se ao tráfego da avenida Kalakaua, e apontou o capô desportivo na direcção da parte norte da cidade. As palmeiras que ladeavam a rua inclinavam os seus troncos arqueados sobre as fiadas, longas como quarteirões, de lojas e escritórios de traça moderna, enquanto, no passeio, serpenteava uma coluna compacta de turistas envergando camisas e vestidos de cores garridas. O sol brilhava intensamente e o seu reflexo na estrada fez com que Pitt pestanejasse várias vezes antes de abrir o estreito porta-luvas, em busca dos óculos de sol.

Já estava mais de uma hora atrasado para a reunião com Hunter, mas ainda tinha de fazer uma coisa, pois algures, na sua mente, um bichinho implorava por uma hipótese de ser ouvido. Pitt não sabia exactamente o que esperava encontrar quando os pneus do carro começaram a rolar sobre o cascalho vermelho, vulcânico, da rampa de acesso, mas tinha-se desviado mais de três quilómetros da sua rota e não havia motivo para não resolver aquele assunto. Estacionou o car-

ro e passou diante de uma tabuleta gravada com a inscrição: Bernice Pauahi Bishop Museum of Polynesian Ethnology and Natural History.

A entrada principal, com os passadiços que corriam ao longo dos andares superiores, estava repleta de exemplares bem distribuídos de canoas com suportes exteriores para remos, peixes e pássaros empalhados, réplicas de cabanas primitivas feitas de ervas e máscaras estranhas e medonhas de antigos deuses havaianos. Pitt viu um homem de porte digno, alto e de cabelo branco, arrumando uma coleção de conchas numa redoma de vidro. George Papaaloo tinha o aspecto de um verdadeiro havaiano, com a cara larga e morena, o queixo protuberante, os lábios grossos, os olhos de um castanho turvo e a forma graciosa de se mover com desenvoltura. Ergueu o olhar e, ao ver Pitt, fez-lhe sinal para se aproximar.

— Ah, Dirk, a sua visita alegra-me o dia! Venha até ao meu gabinete, onde estaremos mais confortáveis.

Pitt seguiu-o, com os passos ressoando no soalho de madeira e ecoando pela enorme entrada, entrando num gabinete arrumado e espartano. O mobiliário era de estilo antigo, mas tinha sido restaurado e o seu verniz resplandecia. Os livros, alinhados ao longo de três paredes, apresentavam-se imaculadamente limpos. Papaaloo sentou-se à secretária e fez sinal a Pitt para que se sentasse no canapé de estilo vitoriano.

— Diga-me, meu amigo: descobriu o túmulo do rei Kamehameha?

— Passei a maior parte da semana passada a mergulhar ao largo da Costa de Kona — disse Pitt, recostando-se no sofá — e não encontrei nada que se assemelhasse a uma gruta funerária.

— Rezam as nossas lendas que o rei foi sepultado numa gruta subaquática. Talvez o tivesse sido num dos rios...

— O George sabe melhor do que eu que, na estação seca, os vossos rios não passam de ravinas secas.

Papaaloo encolheu os ombros.

— Talvez seja melhor que o rei nunca seja encontrado e que os seus restos mortais descansem em paz.

— Ninguém pretende perturbar o descanso eterno do vosso rei, pois não há nenhum tesouro envolvido neste assunto. O túmulo de Kamehameha, o Grande, seria uma importante descoberta arqueológica, apenas isso. Se fosse descoberto, em vez de jazerem numa gruta cheia de água, os seus ossos repousariam num túmulo novo e adequado em Honolulu, onde seriam reverenciados por todos.

— Pergunto a mim mesmo se agradaria ao nosso grandioso monarca ser o alvo dos vossos olhares embasbacados — comentou Papaaloo, com um olhar melancólico.

— Acho que ele se disporia a tolerar os basbaques do continente, se soubesse que oitenta por cento do seu antigo reino é agora habitado por orientais.

— É triste, mas é verdade! Aquilo que não conseguiram tomar com as bombas nos anos quarenta, os japoneses acabaram por tomar com o dinheiro nos anos setenta e oitenta. Não me espantaria nada se um dia me levantasse e visse a bandeira do Sol Nascente tremulando sobre o Palácio Iolani, ao sabor dos ventos alísios — lamentou Papaaloo, fitando Pitt com um olhar inexpressivo. — Já não sobra muito tempo para o meu povo. Dentro de duas, talvez três gerações, a nossa raça diluir-se-á totalmente nas outras. A minha herança morrerá comigo. Sou o último elemento da minha família com sangue havaiano puro — disse, fazendo um gesto com o braço que abarcava todo o gabinete. — Foi por isso que fiz deste local o trabalho da minha vida; para preservar a cultura de uma raça em extinção... a minha raça.

Papaaloo calou-se e olhou absorto, por uma janela pequena, para as montanhas Koolau, com os olhos humedecidos e a cara morena e nobre entristecida pelas recordações.

— A minha mente vai vagueando cada vez mais à medida que vou envelhecendo. Mas, enfim, não veio aqui para ouvir um velho chorar sobre o leite derramado. O que o traz por cá?

— Gostaria de obter alguma informação sobre uma zona marítima chamada «Vórtice do Havai».

— Vórtice do Hav... Ah, sim! Conheço a área a que se refere — confirmou o idoso, mantendo, por monumentos, um ar pensativo.

Depois, falou num tom suave, que era quase um suspiro:

*A ka makani hema pa Ka Mauna o Kanoli Ikea A kanaka ke kauahiwi hoopii.*

— O havaiano é uma língua muito melodiosa — comentou Pitt. Papaaloo assentiu com a cabeça.

— Isso deve-se ao facto de possuir apenas sete consoantes — h; k; l; m; n; p e w — e de não poder existir mais do que uma consoante numa sílaba. Numa tradução liberal para inglês, o que eu disse significa:

«Quando sopra o suão, vê-se a montanha Kanoli e o cume parece povoado».

— Kanoli? — indagou Pitt.

— É uma ilha mítica, a norte. De acordo com a lenda, há muitos

séculos uma tribo familiar deixou as ilhas mais a sudoeste — provavelmente o Tahiti — e atravessou o enorme oceano numa grande canoa para se juntar a membros de outras tribos, que tinham emigrado para o Havai várias décadas antes. Porém, os deuses ficaram zangados pelo facto de as pessoas terem deixado a sua terra natal, por isso alteraram as posições das estrelas, fazendo com que o piloto da canoa se perdesse. Aquele povo não conseguiu chegar ao Havai porque se desviou muitas milhas para norte, tendo avistado e chegado a Kanoli. Os deuses tinham realmente castigado a tribo, pois Kanoli era uma terra árida, com poucas árvores de fruto e coqueiros, pouco inhame e poucos cursos de água límpida e potável. O povo ofereceu sacrifícios e bradou aos deuses pelo seu perdão. Contudo, as suas súplicas foram ignoradas e as pessoas renegaram os seus deuses cruéis, trabalhando duramente e enfrentando as maiores dificuldades para transformarem Kanoli num jardim. Muitos morreram neste processo, mas várias gerações depois, o povo de Kanoli tinha conseguido erigir uma grandiosa civilização sobre as rochas vulcânicas da ilha e, satisfeitos com o seu feito, auto-proclamaram-se os seus próprios deuses.

— Essa lenda assemelha-se às provações suportadas pelos nossos peregrinos, quacres<sup>7</sup> e mórmones — comentou Pitt.

— Não é a mesma coisa — retorquiu Papaalooa, expelindo um longo suspiro de negação. — Os vossos povos mantiveram as suas religiões como bordões em que se apoiavam, enquanto os nativos de Kanoli se viam a si próprios como seres superiores aos desuses que tinham adorado outrora. Afinal, não tinham eles erigido um paraíso sem a ajuda dos deuses? Tinham ultrapassado a barreira da mortalidade. Então, começaram a invadir Kauai, Oahu, o Havai e todas as outras ilhas, matando, pilhando e levando as mulheres mais bonitas como escravas. Os havaianos primitivos sentiram-se impotentes. Como era possível resistir perante homens que agiam e lutavam como deuses? A única esperança que lhes restava era a fé nos seus deuses. Portanto, rogaram aos deuses pela sua libertação e foram ouvidos. Os seus deuses fizeram com que o nível do mar subisse e afogasse os malvados nativos de Kanoli para sempre.

— O meu povo tem uma lenda semelhante. É a lenda da Atlântida.

— Conheço essa lenda. Platão descreve-a, em termos bastante poéticos, nas suas obras *Timeu* e *Crítias*.

---

<sup>7</sup> Quacre (*Quaker*): sectário do quacrismo, movimento protestante, surgido no século XVII em Inglaterra, que advoga a apreensão íntima de Deus, sem recurso a sacramentos nem a um clero organizado. *In* Dicionário 2008, Porto Editora. (N. T.).

— Parece-me que o senhor é uma sumidade na área dos mitos, incluindo os que não pertencem à cultura havaiana.

— As lendas são como nós numa corda: — disse Papaaloo, sorrindo — um leva ao outro. Eu poderia falar-lhe de contos transmitidos ao longo de séculos, em muitas terras longínquas, que são muito idênticos aos da Bíblia cristã, precedendo-os.

— Os videntes prevêem que a Atlântida voltará a erguer-se.

— O mesmo se diz de Kanoli.

— Pergunto-me o que haverá de verdade por detrás das lendas — murmurou Pitt.

Papaaloo pousou os cotovelos na secretária e fitou Pitt, por sobre as suas mãos entrelaçadas.

— Estranho... — disse, pensativo — muito estranho. Ele usou as mesmas palavras...

Pitt levantou os olhos com uma expressão interrogativa.

— Ele?!

— Sim. Foi há muito tempo, logo a seguir à Segunda Guerra Mundial. Um homem visitou este museu todos os dias durante uma semana e estudou todos os livros e manuscritos existentes na nossa biblioteca. Também andava a pesquisar a lenda de Kanoli.

— Deve ter havido outras pessoas a acharem esta lenda interessante, ao longo dos anos.

— Não. O Dirk é o primeiro, desde que o outro homem cá esteve.

— O meu amigo tem uma memória impressionante, para se lembrar de alguém que já cá esteve há tanto tempo.

Papaaloo abriu as mãos e fitou Pitt com uma expressão hesitante, como se se preparasse para dizer alguma coisa inacreditável.

— Ainda me lembro dessa ocasião apenas porque nunca mais me esqueci do homem. Sabe, era um gigante com olhos dourados.

Atrás do espanto esconde-se a frustração, essa nuvem neutralizante que oculta o passo a dar a seguir, a decisão seguinte. Os cientistas à beira de uma descoberta importante, mas sem a solução para o passo final, experimentam este sentimento, tal como os *quarterbacks*<sup>8</sup>, que têm de decidir a jogada a efectuar nos segundos finais de uma partida. Quando um homem entra nessa nuvem, sai de si mesmo, move-se e age automaticamente, por instinto, por qualquer resquício de razão que se apodere dos lobos do seu cérebro. Trata-se, sobretudo, de um estado caracterizado por tentativas inúteis de prever o futuro. Era nes-

---

<sup>8</sup> Trata-se de uma posição ofensiva, dentro do esquema de distribuição de uma equipa de beisebol em campo. (N. T.).

se estado que Pitt se encontrava meia hora antes do meio-dia, poucos minutos após o encontro com George Papaaloo no museu.

A confusão instalara-se na sua mente, com as engrenagens rolando para trás e para diante, pesando a situação até aonde lhe era possível, tentando desesperadamente encaixar as primeiras duas peças do puzzle. Encontrava-se tão absorto nos seus pensamentos que quase nem reparou na velha carrinha Dodge que saiu do parque de estacionamento do museu atrás dele e seguiu o seu AC a uma certa distância, parando quando ele o fazia e dobrando as mesmas esquinas. Pitt teria considerado essa perseguição pura fantasia — pois o seu subconsciente começava a ver agentes inimigos, com impermeáveis e olhares atentos espreitando por detrás de cada arbusto — se não se tivesse dado o caso de a sua distração o ter levado a enganar-se no caminho, o que o obrigou a contornar um quarteirão para retomar a direcção de Pearl Harbor. A carrinha manteve-se atrás dele como se estivesse presa por uma corda ao seu carro.

Pitt fez mais uma curva e acelerou ligeiramente, com os olhos colados ao espelho retrovisor. A carrinha fez a mesma curva, atrasou-se um pouco, depois acelerou, repondo a distância. Pitt ziguezagueou por entre o tráfego por mais cerca de três quilómetros, depois virou para Mount Tantalus Drive. Conduziu suavemente pelas curvas apertadas da estrada serpenteante que subia a encosta coberta de fetos da cadeia montanhosa Koolau, carregando gradualmente no acelerador, milímetro a milímetro. Notou, com uma satisfação segura, a estabilidade perfeita do seu carro desportivo, que se mantinha agarrado à estrada naquelas curvas apertadas como se circulasse sobre carris. Olhou pelo espelho e viu o condutor da carrinha debatendo-se com o volante, numa tentativa desesperada de se manter na peugada do fugidio carro vermelho.

Depois, aconteceu o inesperado e Pitt foi apanhado de surpresa. Sem qualquer ruído de disparo, que o teria alertado, uma bala acertou no espelho da porta, estilhaçando a atravessando o pequeno vidro circular. A situação estava a complicar-se. Pitt pisou o acelerador e aumentou a distância entre a sua viatura e o Dodge que o perseguia.

«O sacana está a usar um silenciador», praguejou Pitt para si mesmo. Fora uma estupidez ter saído da cidade, pois no tráfego da baixa estaria em relativa segurança. Agora, a sua única esperança era voltar a Honolulu antes de a próxima bala lhe estoirar a cabeça. Com um pouco de sorte, talvez se cruzasse com algum carro da polícia em patrulha. Mas a olhadela seguinte ao espelho deixou-o sem palavras! A carrinha encontrava-se a menos de dez metros do pára-choques do seu AC.

Era aquilo a que se chamava um «carro artilhado»; o tipo de automóvel velho e batido em que os putos metem um motor de quatrocentos cavalos para, depois, se meterem com o primeiro «tanso» com um carrão que encontram, desafiando-o para uma corrida. Era dinheiro fácil! Atraíam um atrasado qualquer que tivesse um Ferrari ou um Corvette com a possibilidade de uma aposta fácil, só para depois o infeliz ver, chocado, o «calhambeque» dar-lhe uma abada, deixando-o a trinta metros de distância e desaparecendo com o dinheiro. Pitt vira aquele esquema em execução várias vezes durante a sua adolescência, em Newport Beach, na Califórnia, e agora era vítima da mesma situação — simplesmente estava em jogo muito mais do que ele esperava!

A estrada levou-o ao cume, a uma altitude de cerca de seiscentos metros, depois mergulhava numa descida íngreme, com curvas sinuosas até à cidade. Pitt acelerou por uma recta de mais de mil e quinhentos metros e a carrinha tentou aproximar-se. Manteve a velocidade constante, preparando-se para a curva seguinte e baixou-se o mais que lhe permitia o apertado interior do AC. A agulha de velocímetro roçava os cento e vinte quilómetros por hora quando o condutor que o perseguia como um velho cão de caça do Kentucky pisou o traço contínuo e se colocou ao seu lado. Pitt olhou de relance para a janela e nunca mais esqueceu a imagem do moreno de cabelo comprido que lhe sorriu com uma dentadura irregular e manchada pelo tabaco. Aquela imagem durou apenas alguns segundos, mas Pitt registou todos os detalhes daquela cara bexigosa, os olhos negros ardentes e o enorme nariz em gancho, coberto por uma pele morena, cor de noz.

A frustração foi o único sentimento que o assolou; frustração por não poder responder aos disparos e rebentar com a cara feia daquele gajo. Tinha uma metralhadora excelente atrás do assento, a uns vinte centímetros das suas costas, e nem lhe conseguia chegar! Um contorcionista com para aí um metro e vinte de altura, talvez tivesse conseguido dobrar-se e agarrar no punho da Mauser, mas não Pitt, com o seu metro e noventa! E, mesmo assim, não tinha a certeza se até o tal contorcionista conseguiria levar a cabo tal proeza enquanto mantinha o controlo do carro, naquela perseguição por Pikes Peak.

A outra opção seria simplesmente parar o carro; abrir a porta; sair; inclinar-se para dentro da viatura; pegar na arma que estava atrás das costas do assento; desembrulhá-la da toalha; destrancá-la e começar a disparar. O único problema desta opção era o tempo que levaria. A carrinha decrépita encontrava-se demasiado perto e o condutor do nariz em gancho poderia parar e meter-lhe cinco balas no corpo antes mesmo de ele chegar à parte de desembrulhar a arma.

No final da recta, a estrada desviava-se, de repente, para a esquerda, numa curva apertada com um sinal amarelo de letras pretas que continha o aviso: ABRANDE PARA 30 KM/H. Pitt fez a curva quase a noventa. A carrinha não aguentava aquela força centrífuga e perdeu terreno até o condutor tornar a colocar os muitos cavalos do motor na estrada. Os planos desfilavam uns atrás dos outros pela cabeça de Pitt, mas todos acabavam por ser descartados. Durante a travagem de aproximação à curva seguinte, desenhou-se-lhe na cara uma expressão pensativa e começou a carregar no acelerador com mais força do que antes, espreitando pelo espelho retrovisor e observando os movimentos do condutor da carrinha enquanto este tornava a colocar-se ao lado do seu AC.

O facto de o homem não lhe estar a apontar uma arma à cabeça aliviou-o — embora pouco —, mas o seu objectivo era claro como água. Tencionava empurrar Pitt para fora da estrada, fazendo com que se despenhasse de um penhasco íngreme que mergulhava centenas de metros até ao vale, lá em baixo.

A curva seguinte encontrava-se a cerca de duzentos metros, mas Pitt manteve a velocidade. O Dodge cinzento aproximou-se do lado esquerdo do pára-choques dianteiro do desportivo. Bastaria um toque muito ligeiro do outro condutor no volante para que Pitt voasse sobre o precipício. Quando faltavam apenas cerca de cem metros para a curva, Pitt colou o acelerador ao chão, manteve-o a fundo e, de repente, levantou o pé e travou. Aquela manobra repentina apanhou o seu perseguidor sorridente de surpresa. Também ele aumentara a velocidade, esforçando-se por se manter ao lado da sua presa, enquanto tentava atirá-la do precipício abaixo. Tarde demais! Tinham chegado à curva.

Pitt continuou a travar a fundo, reduziu a velocidade e fez a curva de lado, com os pneus resvalando na estrada. O AC derrapava com as quatro rodas e começava já a dar de traseira. Pitt conseguiu compensar a derrapagem com uma guinada repentina para a direita e uma aceleração e o carro disparou pela recta seguinte. Uma olhadela rápida ao espelho revelou-lhe que a estrada atrás de si se encontrava vazia. A carrinha cinzenta tinha desaparecido. Abrandou, deixando que a gravidade e o impulso levassem o carro a percorrer os oitocentos metros seguintes. Continuou a não ver sinais da carrinha. Fez uma inversão de marcha com todo o cuidado e voltou a aproximar-se da curva, preparado para voltar para trás rapidamente, caso o velho Dodge aparecesse de repente. Chegou à curva, saiu e dirigiu-se à berma da estrada.

Lá em baixo, o pó ia assentando lentamente sobre a vegetação rasteira tropical. O que restava da carrinha encontrava-se no fundo do

precipício, pouco afastado da base da encosta abrupta. O motor tinha sido ejectado e a carroçaria era agora um amontoado de ferros retorcidos e irreconhecíveis. O condutor não estava à vista e Pitt já quase tinha desistido de o procurar quando avistou um vulto inerte no alto de um poste de telecomunicações, cerca de trinta metros para a esquerda dos destroços.

Era uma imagem horrível. Tornou-se evidente que o condutor tinha tentado saltar do velho Dodge, antes de este se despenhar no precipício, mas não conseguira agarrar-se à borda, caindo, aos trambolhões, cerca de sessenta metros, até encontrar o poste, erigido sobre uma base de cimento a meio do penhasco. O corpo encontrava-se empalado num dos espigões usados pelos funcionários da companhia dos telefones para subirem ao poste e repararem os cabos. A base do poste foi mudando lentamente de cor — de castanha para vermelha —, como que pintada por uma mão invisível, enquanto Pitt permanecia ali, hipnotizado. Aquela visão arrepiante lembrou-lhe uma peça de carne pendendo de um gancho, num talho.

Desceu o monte Tantalus, passando pelo miradouro de Manoa Valley, até chegar à primeira casa. Aí chegado, subiu ao alpendre coberto por uma parreira e perguntou à idosa japonesa que lhe abriu a porta se podia usar o seu telefone para informar as autoridades de um acidente. A senhora, que tinha a pele mais enrugada que um pergaminho, fez-lhe várias vénias e indicou-lhe um telefone que se encontrava na cozinha. Pitt ligou primeiro ao almirante Hunter e contou-lhe o sucedido resumidamente, indicando-lhe o local da ocorrência.

A voz do almirante saiu do auscultador como que gritada através de um megafone, obrigando Pitt a afastá-lo uns bons quinze centímetros do ouvido.

— Não ligue para a polícia de Honolulu! — berrou Hunter. — Dê-me dez minutos para enviar o pessoal da nossa segurança para o local antes de a polícia invadir a zona! Percebeu?!

— Acho que percebi!

Se o telefone fosse seu, Pitt tê-lo-ia arrancado da parede e atirado pela janela mais próxima.

— Valha-nos isso! — continuou Hunter, roçando o sarcasmo de Pitt. — Dez minutos! Depois, ponha-se a mexer para Pearl Harbor, que temos trabalho para fazer!

Pitt respondeu afirmativamente e desligou.

Em seguida, passou algum tempo respondendo a uma avalanche de perguntas sobre o acidente, disparadas de rajada pela pequena idosa oriental curvada. Depois de conceder cinco minutos extra aos inspec-

tores de segurança do almirante Hunter, pegou no telefone e pediu à telefonista que o ligasse à polícia de Honolulu. A voz feminina rouca que o atendeu sugeriu-lhe imediatamente a imagem de uma amazona, com braços e pernas da grossura de troncos, que fazia biscates como um servente de pedreiro. Quando a mulher lhe perguntou o nome — depois de ele lhe ter fornecido a localização do acidente — Pitt não respondeu e pousou calmamente o auscultador na base.

Por fim, agradeceu à dona da casa, fazendo-lhe vénias sempre que ela as fazia. Chegou mesmo a considerar marcar uma sessão no «endireita» e foi recuando até entrar no carro, onde se sentiu seguro. Deixou-se ficar sentado ao volante por uns bons cinco minutos, ensopando a parte posterior do uniforme com o suor provocado pela humidade do calor tropical e pelo cabedal do assento desportivo.

Havia alguma coisa que não batia certo; algo que lhe tinha escapado mas que agora lhe voltava à mente, um pensamento que gritava para ser ouvido mas que ele não conseguia definir. De repente, ei-lo nítido!

Pitt apressou-se a ligar o carro que deixou dois rastos de borracha da Goodyear marcados no asfalto ao arrancar, a alta velocidade, para o loca do acidente. Passara cinco minutos ao telefone, um quarto de hora na conversa — como se dispusesse de todo o tempo do mundo —, três minutos a voltar ao carro... No total, desperdiçara vinte e três minutos!

Devia ter calculado que haveria mais do que um no seu encalço. O AC travou a fundo, com os pneus chiando, e Pitt voltou a aproximar-se da borda do precipício.

Os destroços continuavam onde os tinha visto pela última vez, retorcidos e despedaçados, como um brinquedo de criança quebrado. O poste de telecomunicações também se mantinha no mesmo sítio, isolado no meio do penhasco, com os braços agarrando cabos que se estendiam até ao infinito. Os espigões também lá continuavam, mas o cadáver do condutor tinha desaparecido, deixando apenas a mancha vermelha, coalhando e cristalizando sob a chacina do sol matinal.